



QUILOMBO
DO CERRADO
memórias

CADERNO CULTURAL DE FURNAS DO DIONÍSIO





**Quilombo do Cerrado - Memórias
Caderno Cultural de Furnas do Dionísio**

Equipe de Organização
Lidiane Kasiorowski Borges
Greciane Martins de Oliveira
Gabriel Luis Pereira Nolasco
Eliane Aparecida Bittencourt

Equipe Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica
Iris Comunicação e Arte

Instituição Executora

Instituto Brasileiro de Inovações Pró Sociedade Saudável do Centro Oeste - IBISS|CO
Rua dos Ferroviários, nº94 Bairro Cabreúva CEP 79.008-420. Campo Grande - MS
CNPJ: 03.906.058/0001-97 Contato: (67) 3211-9912 Sítio: www.ibiss-co.org.br

Instituições Apoiadoras

Secretaria de Estado de Meio Ambiente, Desenvolvimento Econômico, Produção e
Agricultura Familiar - SEMAGRO. Governo do Estado de Mato Grosso do Sul.
Fundo Estadual de Direitos Difusos e Lesados - FUNLES.

Instituições Parceiras

Coletivo de Mulheres Negras de Mato Grosso do Sul "Raimunda Luzia de Brito" -
CMNEGRAS/MS
Escola Estadual Zumbi dos Palmares - Furnas do Dionísio - MS

Projeto Protagonistas desta História - Termo de Colaboração Nº 27705/2017
5 de outubro de 2017 a 30 de setembro de 2019

Crianças e adolescentes quilombolas de Furnas do Dionísio - Jaraguari - MS

Abner Danilo de Mendonça de Lima
Ana Clara Horta de Silva
Ana Paula Amorim Martins
Carlos Eduardo de Souza Martins
Debora Santos da Silva
Eduarda Martins
Edvandro Martins
Elisângela C. Martins
Emilly Cinturião Brasileiro
Emilly Martins dos Santos
Ewerton S. dos Santos
Geovane Oliveira de Mesquita
Geovanna Fagundes da Silva
Helena Fagundes da Silva
Iohana Aguiar da Silva
Jhenyfer Dornelles
Juan Pablo R. de Jesus
Kauê Espindola Reichel
Lourenço da S. Martins
Marcos Vinicius do Martins
Mariana Theodoro Martins
Monique R. de Jesus
Nádia Lima Reichel
Patrick de Jesus Silva
Rhégis Pereira Ferreira
Thaissa de Lima Rodrigues
Victor Augusto Nascimento de Andrade
Vitória da Silva Santos
Wellington Oliveira

Pessoas referências da memória de Furnas do Dionísio - Jaraguari - MS

Clemilda Martins Serafim de Souza
Joaquim Abadio Martins
Lurdete Santo Silva (Dete)
Maria Abadia Martins (Tia Maria)
Maria Aparecida Martins (Cida)
Maria Luzia Antônio Martins
Maria Batista da Silva
Sebastião Antônio Martins (Bastião)
Sirlene Jacque de Paula Silva

QUILOMBO
DO CERRADO
memórias



ÍNDICE

Apresentação	8
Furnas do Dionísio Passado, Presente e Futuro	12
Marcadores do Tempo	58
Manifestações Culturais de Furnas do Dionísio	62
Danças e Músicas	62
Religiões e Festejos tradicionais	70
Comidas Típicas	82
Produção da Rapadura	86
Festival da Rapadura	90
Associação de Pequenos Produtores Rurais de Furnas do Dionísio	94
O que fazer em Furnas do Dionísio?	98
Diálogos com a comunidade quilombola Furnas do Dionísio	106
Para saber mais sobre Furnas do Dionísio	112
IBISS CO	122
Projeto Protagonistas desta História	126
Referências Bibliográficas	134



APRESENTAÇÃO



Neste caderno registramos a história da comunidade quilombola Furnas do Dionísio, sua luta, organização, as relações com o meio ambiente e os costumes.

Destacamos que as/os negras/os de Dionísio, em toda a sua existência, lutaram pela soberania de seu território e de sua gente. Essa luta se estabelece contra o racismo em seu maior grau de perversidade a que assistimos dentro de uma comunidade negra brasileira.

Para as/os comunitárias/os de Furnas, os obstáculos à soberania se configuram em dificuldades de manutenção territorial. Desde o primeiro momento de fixação nas terras, essa população afrodescendente, no final do século XIX, foi obrigada a enfrentar várias disputas por espaço físico. Conseguiram consensualizar com sabedoria a não invasão forçada de suas terras. Para estabelecer a segurança alimentar na comunidade, os Dionísio cultivam em suas terras cana-de-açúcar, mandioca, verduras e alguns legumes. Fabricam e comercializam diversos produtos como os doces de sabores variados (as rapaduras), açúcar mascavo, farinha. Esses produtos são considerados de excelente qualidade pelas/os consumidoras/es. A vida cotidiana é demarcada por dificuldades no campo dos serviços públicos fundamentais, que não se adéquam a suas realidades. As políticas públicas se apresentam na vida prática das/os comunitárias/os como problemática.

O serviço médico não é oferecido de forma adequada e de acordo com os costumes do povo de Furnas, não havendo posto de saúde na área. A cada 15 dias o serviço médico é realizado em sala da escola. Mesmo assim tal procedimento não acontece de forma assídua. Muitas vezes a/o médica/o não comparece. Quando alguém adoecer, o serviço público em saúde não dá garantia de atendimento imediato, colocando ao/à paciente e seus familiares maiores angústia e padecimento.

Uma das problemáticas relatadas pelos Dionísio se refere às/aos jovens que terminam o ensino médio e ficam sem poder cursar uma graduação. Elas e eles não têm onde morar para fazer curso superior. O ônibus passa na estrada principal uma vez por dia, custa caro, tornando ainda mais difícil estudar na Capital (Campo Grande, Mato Grosso do Sul).

A área de Furnas abrange 1.018,2796 hectares, com aproximadamente cem famílias, média de 450 moradoras/es. Mesmo assim, não há um meio de transporte público que circule dentro da comunidade, obrigando as pessoas a andar até a rodovia que fica distante da maioria da/os moradoras/es.

Outra preocupação apresentada, principalmente pelas mulheres, é com o futuro das/os jovens quilombolas. Muitas/os dessas/desses jovens alegam faltar meios (recursos) de gerar lucros para o sustento em Furnas. Não há

emprego dentro da comunidade. Nem todas/os querem dedicar-se ao cultivo da terra. Sendo assim, querem sair da comunidade para exercer outros ofícios.


A vegetação natural, os recursos hídricos e a serra em Furnas são preservados. A Associação de Furnas organiza o uso da principal cachoeira cobrando pequeno valor das pessoas que frequentam o local. Há sempre a preocupação com o lixo e o cuidado ambiental. Porém, segundo alguns/algumas moradores/as, o turismo ecológico ainda é algo que vem sendo utilizado sem grande planejamento da Associação.

Os bens culturais dos Dionísios são propagados obedecendo a uma coletividade surpreendente. Os almoços no domingo estão sendo abertos ao público por um preço acessível. O Bar da Maria e do finado Milton é um ponto de confraternização maravilhoso. Há compartilhamentos nos banhos na cachoeira, no uso das trilhas, bem como nas animadas e famosas festas. Os encontros são muito valorizados nas missas da Igreja Católica, nos cultos evangélicos e nas reuniões da turma da rapadura. Existem incessantes persistências para que a participação comunitária aconteça, principalmente entre as mulheres que acabam ficando isoladas em seus lares. Há um grande desejo de tornar a vida de todas/os mais digna. É na coletividade que o povo de Furnas do Dionísio desenvolve estratégias de organização

a fim de que todas/os as/os moradoras/es se identifiquem com as suas negritudes e com as questões de vínculo comum. As relações são feitas no contexto das próprias lutas, em meio às dificuldades. Acontece mobilização social para tudo. Trata-se de construções que as/os vão revelando como Sujeitos de sua própria história. Um povo que sempre move a força de novas construções de respeito e de alteridade. Salve Dionísio!

Nilda da Silva Pereira
 Pesquisadora e diretora do IBISS|CO. Mestre e Doutora
 em Educação pela PUC/SP. Pós doutora em Sociologia
 Política Universidade de Vila Velha/ES





Capítulo 1

FURNAS DO DIONÍSIO PASSADO, PRESENTE E FUTURO

FURNAS DO DIONÍSIO

PASSADO, PRESENTE E FUTURO



Presente

Furnas do Dionísio está localizada a aproximadamente 45 km de Campo Grande – Mato Grosso do Sul, a comunidade quilombola é um distrito de Jaraguari – Mato Grosso do Sul. O território é um vale com formato de ferradura com aproximadamente 9 km de extensão, cercado de morros dentro da Serra de Maracaju e parte do território da comunidade está em área de preservação permanente (encostas dos morros e cachoeiras). Sua área total abrange 1.018,2796 hectares. A comunidade quilombola conta com aproximadamente 100 famílias, residem nas propriedades rurais cerca de 450 pessoas, das 22 comunidades quilombolas existentes no estado de Mato Grosso do Sul Furnas do Dionísio é a mais populosa.

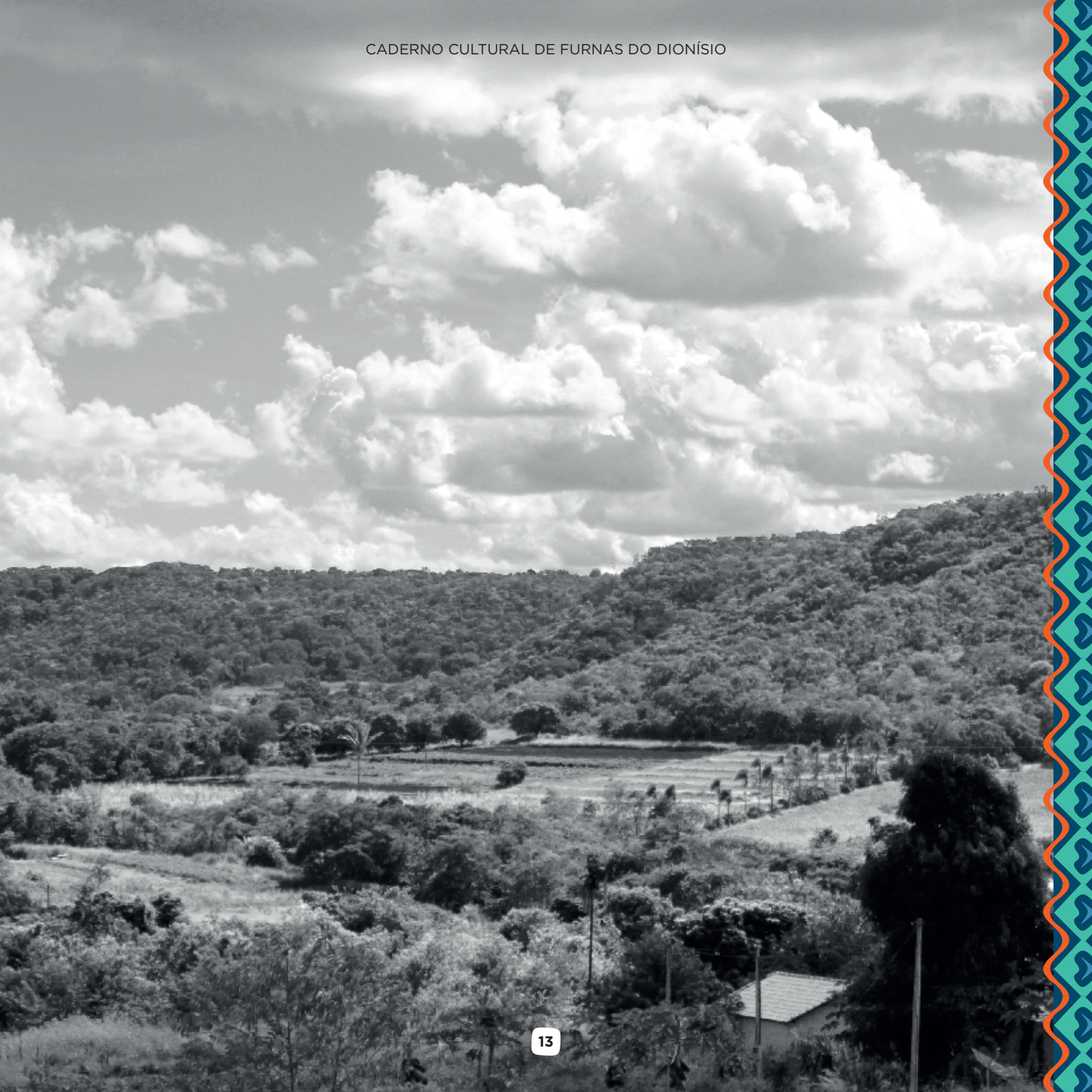
O acesso à comunidade por Campo Grande é pela rodovia MS 10, com pavimentação asfáltica até o distrito de Rochedinho, o restante do trajeto é via estrada de terra. O acesso por Jaraguari se dá pela rodovia MS 244 que se liga com a rodovia BR 163 passando pelo distrito de Bomfim e em seguida o trajeto se dirige para a rodovia MS 80. É possível chegar até a comunidade através da linha de ônibus Transmec que realiza viagens no período da manhã no sentido Furnas do Dionísio – Campo Grande e no período vespertino realiza o trajeto inverso.

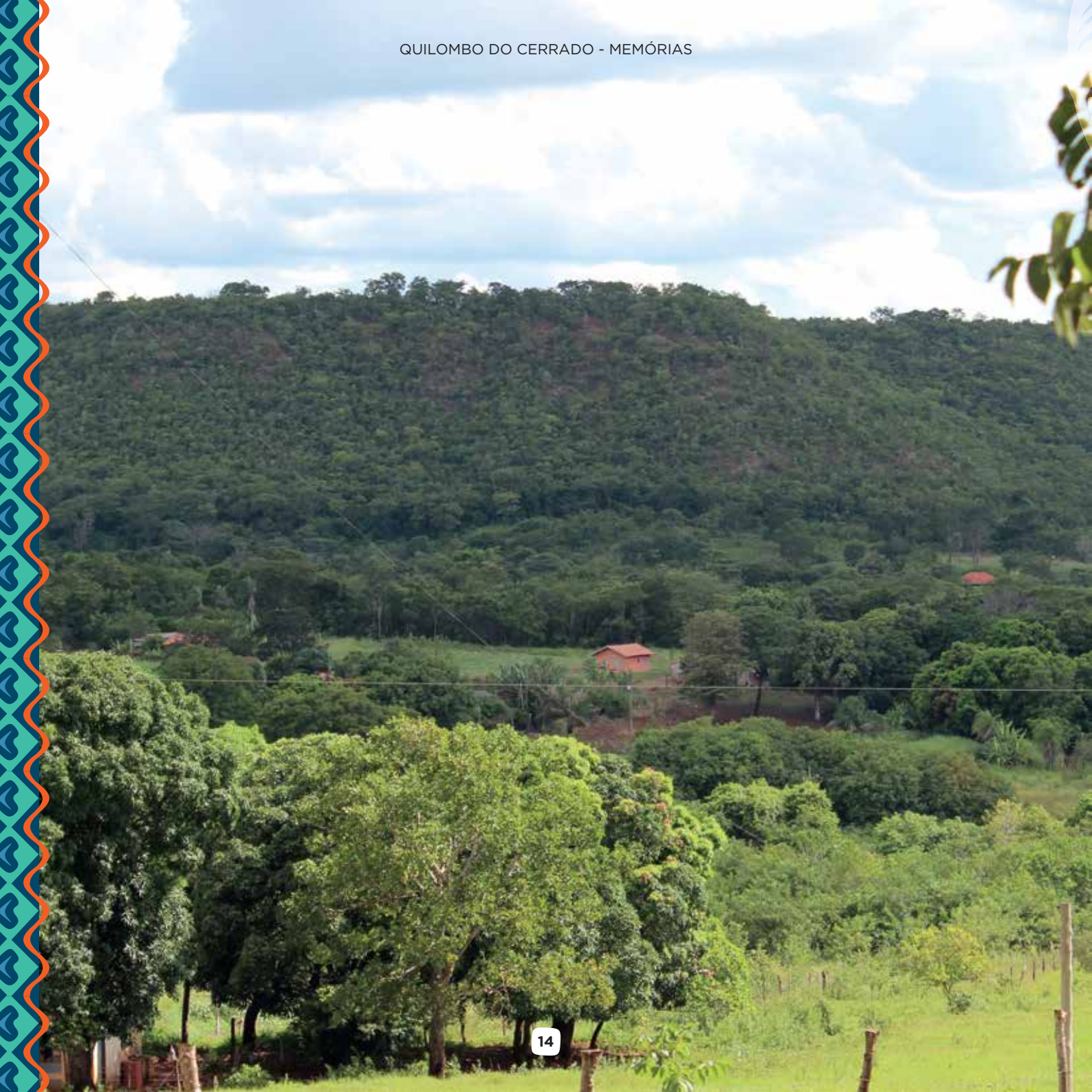
A comunidade é formada por sítios e chácaras, paisagens exuberantes e maravilhosas de

tirar o fôlego, com cachoeiras e córregos que deságuam no Rio Aquidauana. Furnas tem como bioma o Cerrado e clima Tropical chuvoso. A comunidade quilombola Furnas do Dionísio é uma comunidade rural com economia de subsistência, agricultura familiar, pequena criação de gado e ainda hoje mantém muito do modo ancestral de sua história de produção.

Existem duas escolas na comunidade, uma municipal com ensino básico, a Escola Municipal Dionísio Antônio Vieira e uma escola estadual com ensino fundamental e médio, a Escola Estadual Zumbi dos Palmares, recentemente foi oferecido ensino fundamental integral a comunidade. Para reuniões, encontros e produção de manufaturados a comunidade conta com o espaço da Associação de Pequenos Produtores Rurais de Furnas do Dionísio. Quanto às religiões professadas na comunidade há a igreja católica “Santo Antônio”, igreja mais antiga de Furnas, e igrejas evangélicas “Assembleia de Deus Madureira” e a “Missionária Palavra da Vida”.

Agora que vislumbramos um pequeno retrato da comunidade quilombola Furnas do Dionísio de hoje, vamos adentrar numa viagem direto ao túnel do tempo e conhecer um pouco da história do fundador desta comunidade espetacular.







“

*Nós estamos aqui pra
conversar com a senhora,
isso é porque a gente não
quer que a nossa história
morra, nós queremos
sempre tá mantendo essa
história viva.*

”

Professora Clemilda



FURNAS DO DIONÍSIO

PASSADO, PRESENTE E FUTURO

Passado

Os Dionísios

No final do século XIX Dionísio Antônio Vieira veio para o Mato Grosso com sua família num carro de boi em meio a muitas dificuldades, após serem alforriadas as pessoas que foram escravizadas saíam das senzalas sem direito a nada, durante o trajeto da cidade de Salinas, Estado de Minas Gerais, para o antigo Mato Grosso vieram parando, alimentando-se através de pequenos trabalhos e produtos nativos da mata. Em 1890 Dionísio estabeleceu-se nas terras de Furnas com sua família, fizeram algumas paradas no caminho, ficaram hospedados com Tia Eva, hoje comunidade São Benedito, em seguida pararam nas proximidades da fazenda Olho D'água. Estabeleceu-se ao lado do córrego Lageadinho, na época havia muita água corrente, construiu sua casa de pau a pique e paredes barreada, posteriormente, construiu casa de madeira.

Dionísio e sua família enfrentou alguns entraves quando estabeleceu-se na região de Furnas, pois na mesma época uma família de caçadores de animais também instalou-se nas imediações, entrando em disputa pelas terras. Essa família ficou conhecida como os Sandins, bandeirantes que alimentavam-se da caça de animais e comercializavam as peles para sua subsistência. Clemilda Martins Serafim de Souza em entrevista conta que os caçadores conseguiram tomar algumas partes de terra dos Dionísios e tentaram apoderar-se de mais



territórios, no entanto entraram em consenso e se apossaram apenas de uma parte, professora Clemilda partilhou um breve relato de suas lembranças:

“...ele queria mais, ele queria adentrar pra dentro de Furnas, esse caçador, ele chegou a tocar, diz que meu biso, pra tentar matar, pra poder se apropriar das terras dele, mas eles tinham muita sabedoria, essas sabedorias que a gente nem sabe como que é, só Deus que sabe né, e eles adivinharam que isso tava acontecendo e se ficaram precavidos, ninguém saía pra fora a noite, ninguém se manifestava, escureceu, todo mundo entrava pra dentro de casa e pronto, ninguém ia lá fora mais, por causa da tocaia, era perigoso, e eles sabiam. Só que daí como eles já conheciam os segredos né, eles já ficavam precavidos, já sabia onde eles iam chegar, e depois ele chegou aqui e construiu a casinha dele, e criou os filhos dele tudo ali, o Dionísio”.





1

¹Vista panorâmica de parte da comunidade quilombola Furnas do Dionísio.

²Residência nas chácaras com plantação de mandioca para produção de farinha.

2



3

³Ponte sobre córrego Pombal.



Dionísio Antônio Vieira era casado com Dona Joana Luísa de Jesus e dessa união tiveram 9 filhos que se chamavam: Abadio Dionísio, Antônio Dionísio, João Dionísio, Jacinto Dionísio, Manoel Dionísio, José Dionísio, Valéria Valeriana, Dorvina e Maria Luiza da Silva. Valéria era filha de sangue somente da esposa Dona Joana Luísa. Moravam com eles também um filho de criação, do coração, chamava se Abrão. No livro “Flor do Quilombo” de autoria de Sirlene Jacque de Paula Silva, dona Tiana relata que quando Dionísio vinha com sua família de Salinas, Minas Gerais para Furnas sua esposa estava grávida e no trajeto em meio a viagem nasceu um dos filhos. Professora Clemilda nos relatou:

⁴Cabeça de Boi, proteção na entrada da chácara “Recanto da Ceci”.



“

Foi a época que o José Antônio Pereira veio, [...] porque o meu avô falava assim, eu nasci junto com Campo Grande, quando começava Campo Grande foi quando eu nasci, e foi ele, o meu avô era o filho caçula do Dionísio, ele nasceu no trajeto, diz que quando eles tavam vindo ele nasceu na estrada, nasceu na viagem.

”

Professora Clemilda

Não há um consenso sobre a vinda de Dionísio para o estado de Mato Grosso, alguns autores acreditam que ele veio na época da Guerra do Paraguai (1864 - 1870) para lutar, voltou e buscou sua família. Outros autores dizem que Dionísio veio para Mato Grosso ainda como pessoa escravizada na mesma época do fundador da cidade de Campo Grande, José Antônio Pereira e quando alforriado adquiriu as terras de Furnas para plantação de subsistência, enquanto outros dizem que ele soube das terras devolutas através de rumores locais em Minas Gerais. O consenso existente é que Dionísio estabeleceu-se em Furnas em 1980 e no começo do século XX requereu seu nome nas terras.

Abaixo imagem da primeira página do relatório do Agrimensor Sr. José Paes de Faria redigido em 1914, delimitou e descreveu o espaço que Dionísio adquiriu. O agrimensor explica que Dionísio construiu roças e criava gado em pequena escala. Maria Aparecida Martins, ou simplesmente Cida nos disse em conversa que no início foi muito trabalhoso, Dionísio chegou aqui e era tudo mata virgem, desbravou tudo a mão, as lavouras eram aradas com boi, por muito tempo a comunidade não teve condições de adquirir um trator.

A comunidade quilombola Furnas do Dionísio é formada por descendentes de Dionísio Antônio Vieira e Joana Luísa de Jesus. Professora

Clemilda relatou a respeito da construção das famílias em Furnas:

“Os três filhos de Dionísio vieram se casar com três netas da Eva, da Tia Eva. Formando um laço muito forte, constituindo a família Silva na comunidade Furnas do Dionísio. Silva é a família da finada Maria, que veio de lá da comunidade da Eva, o finado Luiz Silva. Esse Luiz Silva era pai da tia Evinha, pai da Jerominha e do Manuel. O finado Manuel casou com uma moça, acho que era da Boa Sorte a tia Evinha, de Camapuã famílias Malaquias.”

A relação de parentesco se dava entre as comunidades remanescentes de quilombo, entre o povo de Furnas do Dionísio, Comunidade São Benedito - Tia Eva, Furnas de Boa Sorte e Comunidade Buriti. Em Furnas do Dionísio o casamento entre primos é comum.

Dionísio Antônio Vieira faleceu em 1930 e Dona Joana Luísa logo após no ano de 1933, as terras da comunidade foram então divididas entre os filhos de Dionísio em sítios.

Furnas do Dionísio 22

Memorial descriptivo da medição e demarcação do lote de terras partas denominadas "Lagadinho", situado neste Município e comprado ao Estado pelo Cidadão Dionísio Antonio Vieira, a título provisório

Dequado pelo Ex.º Sr. Deputado da Agricultura do Estado para medir e demarcar o lote denominado "Lagadinho" situado neste Município e comprado ao Estado pelo Cidadão Dionísio Antonio Vieira, foi pelo Órgão Official do Estado e publicação do respectivo edital, marcando o dia 25 de Agosto do anno proximo passado, para em lugar e inicio dos trabalhos de campo respectivo, fazendo e tambem por appriação, na porta da Camara Municipal d esta Villa

A 19 do mesmo mez e anno citi por carta ao Sr. Manoel Ferreira Du-
 tm, successor de José Alves Luto e
 como tal, comparetente na parte Oeste do lote Lagadinho, a comparecer, no dia acima indicado, as 9 horas da manha para assistir ao desenvolvimento da alludida medição e demarcação, no que foi alludido, sendo a carta junta aos presentes autos, com a nota seguinte.

FURNAS DO DIONÍSIO

PASSADO, PRESENTE E FUTURO

Memórias do Cotidiano ancestral

Dionísio e seus descendentes labutaram muito nas terras de Furnas, o local era formado por mata virgem e foi aberto no braço, para subsistência das famílias as plantações eram aradas com bois, utilizavam machado, enxada e foice para destocar na lida com a terra e lavoura, plantavam com saraquá. Os sítios não eram cercados, era tudo aberto, na época não havia a preocupação de demarcação como há hoje, somente as hortas eram cercadas para evitar que animais comessem a plantação, inviabilizando assim, o seu consumo pelos humanos.

Por muito tempo a plantação de subsistência foi a principal forma de organização de Furnas, por volta da década de 70, 80 as pessoas começaram a cultivar por exemplo, arroz para troca com a capital e outras localidades. Cida nos contou que para levar os produtos de comercialização partiam de carro de boi com quatro juntas de animais, levavam 2 ou 3 dias para chegar em Campo Grande e vice e versa. Como esse meio de traslado era muito custoso, com o tempo passaram a alugar camionetes para levar os produtos.

Antigamente o processo de preparo dos alimentos eram, exclusivamente, derivados dos produtos existentes na própria comunidade, quem nos relata é Clemilda:

“...a lenha você tinha que subir



aquela serra lá pra buscar ó, fazia um fecho de lenha lá e jogava nas costas, trazia pra cozinhar, se não tivesse a lenha, não tinha comida né, além de carregar a água do córrego, e socar o arroz, pra poder comer, e matar os bichos, pra poder comer carne, que também não tinha carne, esses dias eu tava lembrando do pessoal que matava pombinha pra frita pra fazer uma mistura”.

Para fazer bolos era necessário colher, descascar ou debulhar e em seguida socar no pilão, fazer a farinha a partir do milho, do arroz ou da mandioca, peneirar, para daí fazer a massa do bolo. Antes em Furnas do Dionísio não se fazia bolo com massa de trigo, a base dos bolos eram milho, arroz e mandioca. Para a produção do fubá utilizava se uma qualidade especial de milho, o milho saboró. Em períodos de escassez de alimentos, para matar a fome as pessoas chupavam cana, quebrava coco para comer a castanha. Cida rememorando sua infância nos tempos que frequentava a escola contou que a gurizada da comunidade brigava para colher coquinho e comer a castanha primeiro, um gosto bom de infância lembra.

Uma tradição da comunidade era servir as comidas nas mesas em travessas esmaltadas, ou em latas cortadas para servir os quitutes.

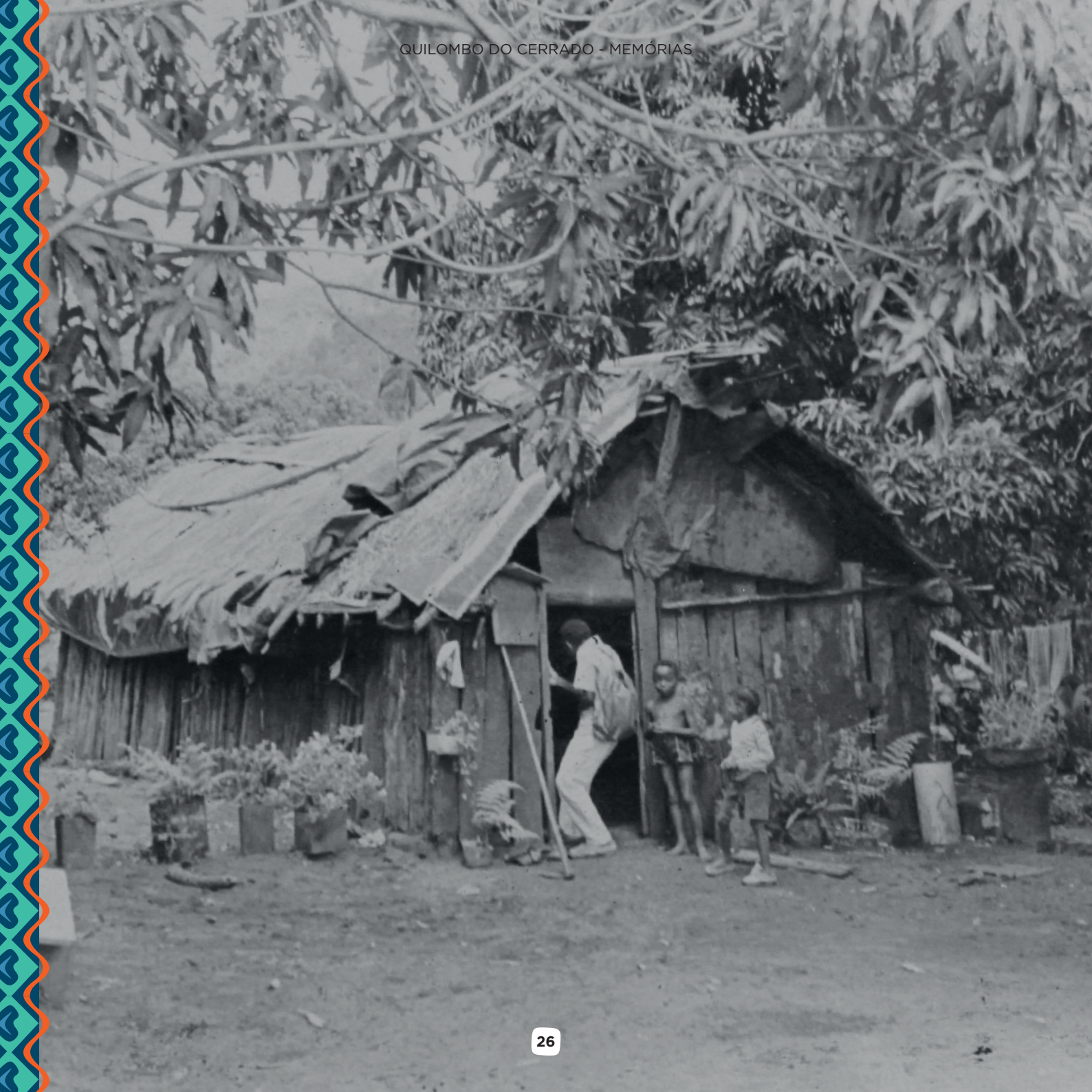
Para armazenar os alimentos secos aproveitava-se as latas de sodas, bem ariadas. Na cozinha não havia muitas panelas e vasilhas como nos dias de hoje, havia um caldeirão para o feijão, um para o arroz, tachos para frituras, tachos para doces, uma chaleira para esquentar água quando não nas latas. Dona Maria Batista da Silva relatou que usava-se muito bacias de madeira, Compadre Genuário era referência em Furnas na confecção das bacias de madeiras das árvores tamboril e amendoim.

As casas na comunidade quilombola Furnas do Dionísio eram construídas com palha de bacuri, de sapé, de pau a pique, estaleiro. As paredes das casas eram barreadas, e todo ano era necessário reformar, tampar os buracos que iam surgindo. Professora Clemilda disse em conversa que as paredes da casa de sua avó eram branquinhas, barreada com argila azul da beira do córrego com cinzas. As casas geralmente possuíam varanda, mas as pessoas preferiam sentar-se embaixo da sombra de uma árvore frondosa, não permaneciam muito tempo dentro de casa.



5

⁵Celeiro na chácara de Dona Maria Luzia Antônio Martins.



A água chegava nas casas através de bicas construídas com gueroba, bicas de taquarussu, bicas de aroeira. Era do cotidiano carregar água para tudo, lavava-se roupas e louças no córrego. A água do córrego era utilizada para tudo, para comer, lavar, banhar, etc. Através da FUNASA foram construídos poços e posteriormente água encanada.

As pessoas acordavam bem cedo, saiam na vegetação local ao redor de suas chácaras em busca dos arbustos de guanxuma para fazer vassoura, todo o quintal era varrido, as folhas e lixos eram amontoados e queimados. Ainda hoje algumas pessoas na comunidade utilizam a vassoura de guanxuma, mas não se encontra mais os arbustos tão facilmente na vegetação local como antigamente. Não havia lixo jogado pela região, tudo era destinado, hoje infelizmente é possível ver plásticos e outros lixos jogados pela comunidade nos relatou Professora Clemilda.

6



⁶Entrada para a Cachoeira do córrego Pombal.



“

E a cama pra dormir, era o lençol uma bolsa de estopa, o colchão era palha de milho, a cama era vara, fincava 6 forquilha de cada lado e um pau ali e vinha com aqueles pau encaixava ali tudinho e arrumava uma cama, aqueles pau ia murchando na cama, ia abrindo buraco e se tinha que arruma os pau pra não arreda e o lençol uma estopa, o colchão uma palha de milho, ia longe atrás de saco de milho.

”

Dona Maria Batista

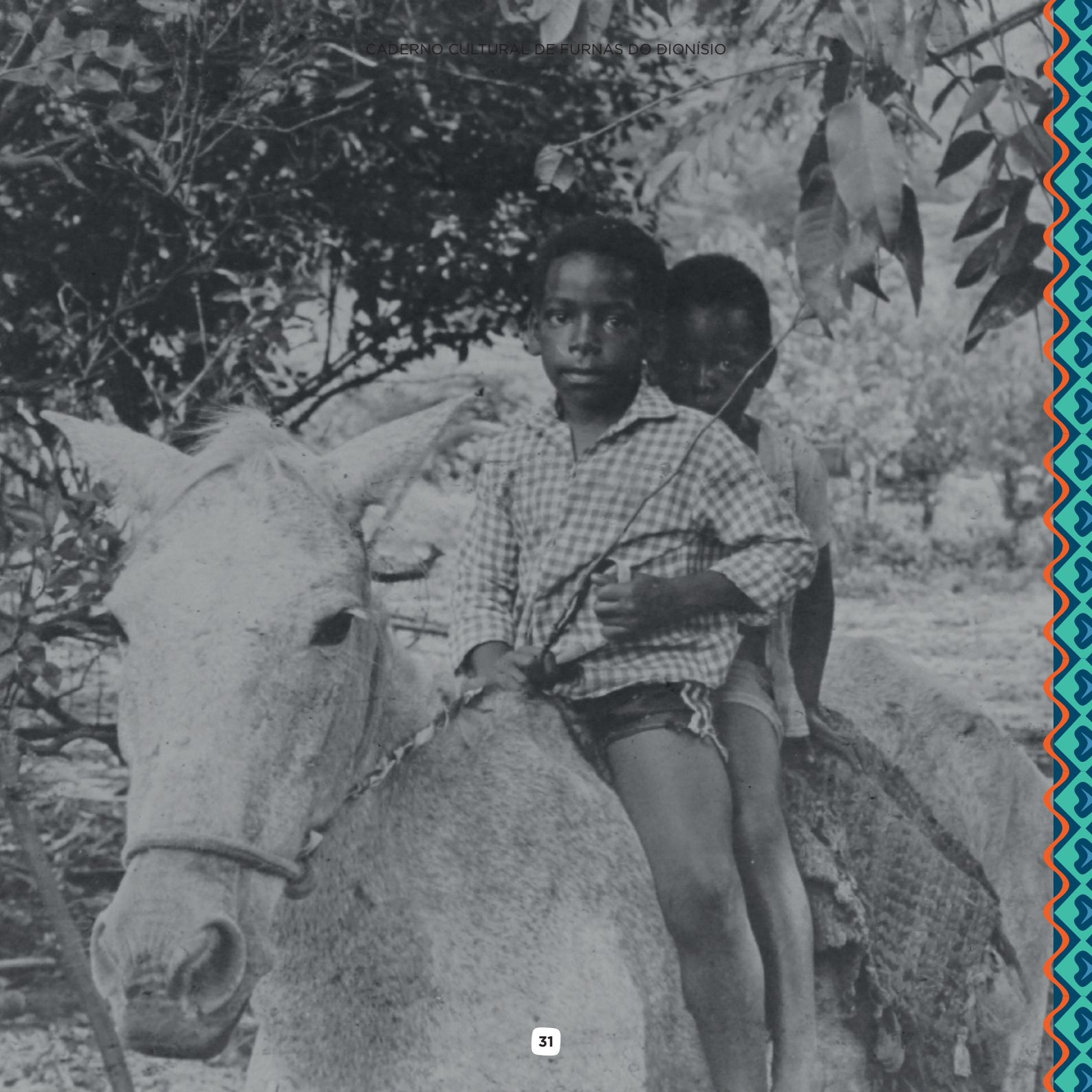
O meio de transporte mais utilizado em Furnas do Dionísio na época era o cavalo e a pé, ainda hoje é comum encontrar pessoas deslocando-se dentro da comunidade com cavalos, contudo atualmente os meios de locomoção mais utilizados são a moto e o carro. Não havia estradas como hoje, a comunidade era ligada por meio de trilheiros. A estrada que existia ligava as fazendas dos arredores da comunidade a Campo Grande, por um bom tempo o meio de transporte foi carro de boi, posteriormente era possível deslocar-se através da jardineira do senhor Gadesso, leiteiro, que realizava o transporte de pessoas e animais, todos em cima da carroceria, havia bancos para as pessoas e um cobertura de lona.

Furnas do Dionísio não possuía sistema de energia elétrica até a década de 90, de primeiro as pessoas da comunidade utilizavam lamparina de óleo diesel, depois lamparinas de querosene, em seguida utilizaram lampiões e por fim energia elétrica.



7

⁷Criação de cavalo na chácara do Senhor Sebastião.



FURNAS DO DIONÍSIO

PASSADO, PRESENTE E FUTURO

Saúde e cuidados

Até hoje a comunidade não possui uma unidade de saúde disponível, o que existe é uma sala conjugada à Escola Municipal Dionísio Antônio Vieira que funciona quinzenalmente quando há médicos.

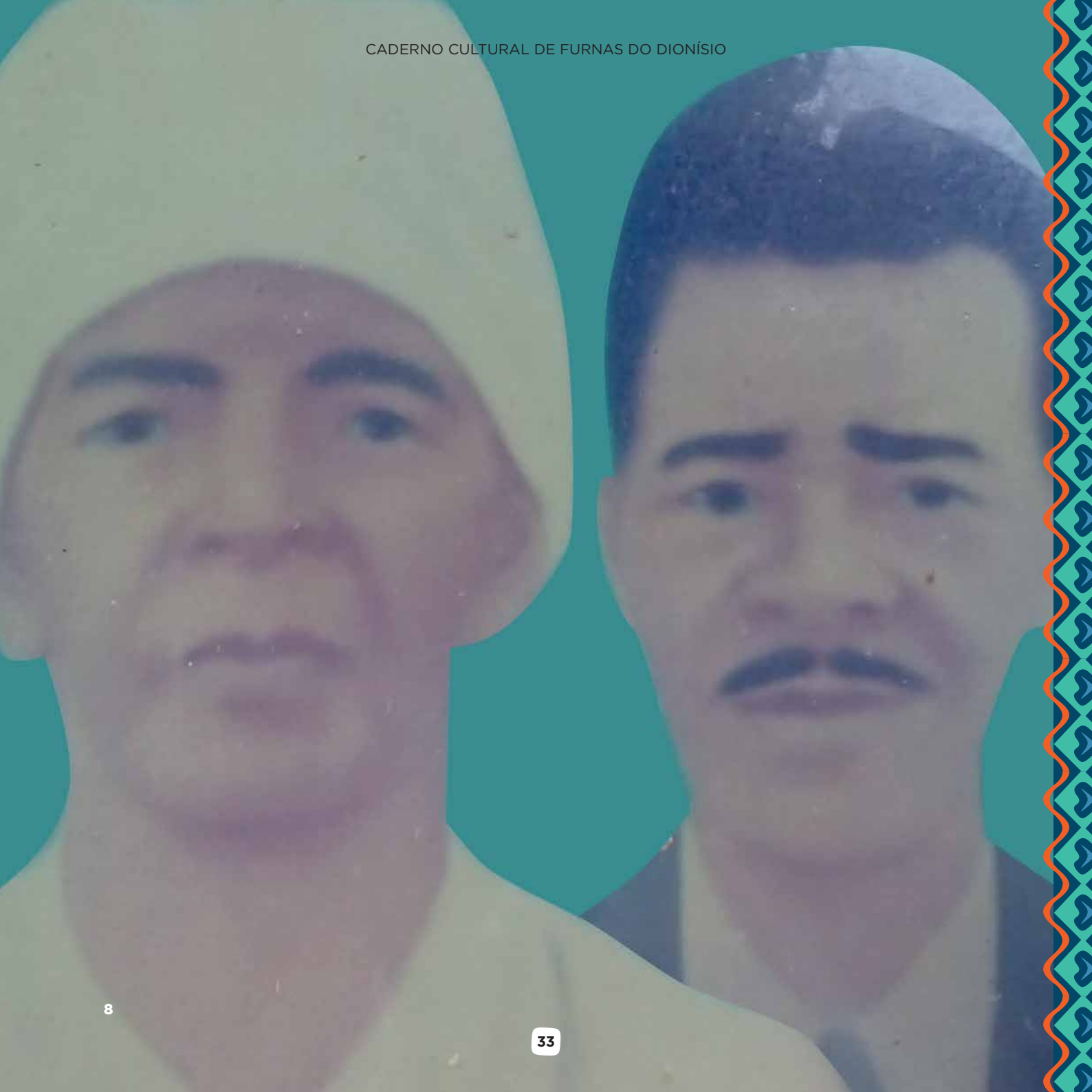
Antigamente quando uma pessoa passava mal e precisava de cuidados médicos era ainda mais custoso. A pessoa doente era colocada em uma rede e amarrava-se as pontas numa vara, duas pessoas carregavam o doente pelos trilheiros da comunidade até chegar na estrada, no meio do trajeto era necessário revezar as pessoas carregadoras para subir e descer os morros. Pedia-se carona na beira da estrada ou acessavam em sua época Seu Paulo Justino da fazenda Pombal para levar para Campo Grande ou Jaraguari.

Quando uma mulher dava à luz eram chamadas as mulheres parteiras da comunidade, parteiras antigas como dona Maria Luísa, depois o legado foi passado a dona Geromina e a Tia Ciana.

Dona Geromina foi uma pessoa referência na comunidade quando o assunto era medicina natural, benzedeira, parteira, cuidava de muitos sobrinhos, em sua casa havia muitas ervas medicinais, além de realizar o benzimento oferecia remédios caseiros, garrafadas para quem a procurasse, além de oferecer emplastos e unguentos conforme o caso apresentado.



⁸Dona Geromina à esquerda e ao lado seu marido João Dionísio. Foto cedida por prof^a Clemilda.



FURNAS DO DIONÍSIO PASSADO, PRESENTE E FUTURO



O Sabão

O sabão era produzido de forma caseira pelas famílias, o sabão de cinzas, as mulheres da comunidade juntos aos filhos adentravam a mata em busca da árvore Tingui, árvore típica do cerrado, (*Magonia pubescens* A. St. Hil.-Sapindaceae) é conhecido por “cuitê, mata-peixe, pau-de-tingui, timbó, timbó-do-cerrado, timpopeba, tingui-açu, tingui-capeta, tingui-de-cola”¹, colocava suas sementes de molho em água para formar a manteiga enquanto se produzia as cinzas, a mistura era deixada para esfriar e por fim cortados em cubos. No dia que adentravam a mata em busca das sementes de tingui a família levava algo para comer na empreitada, dona Maria Batista nos falou que comia farofa com osso. O Tingui também era utilizado na produção de manteiga para consumo culinário.

Roupas e Lavagem

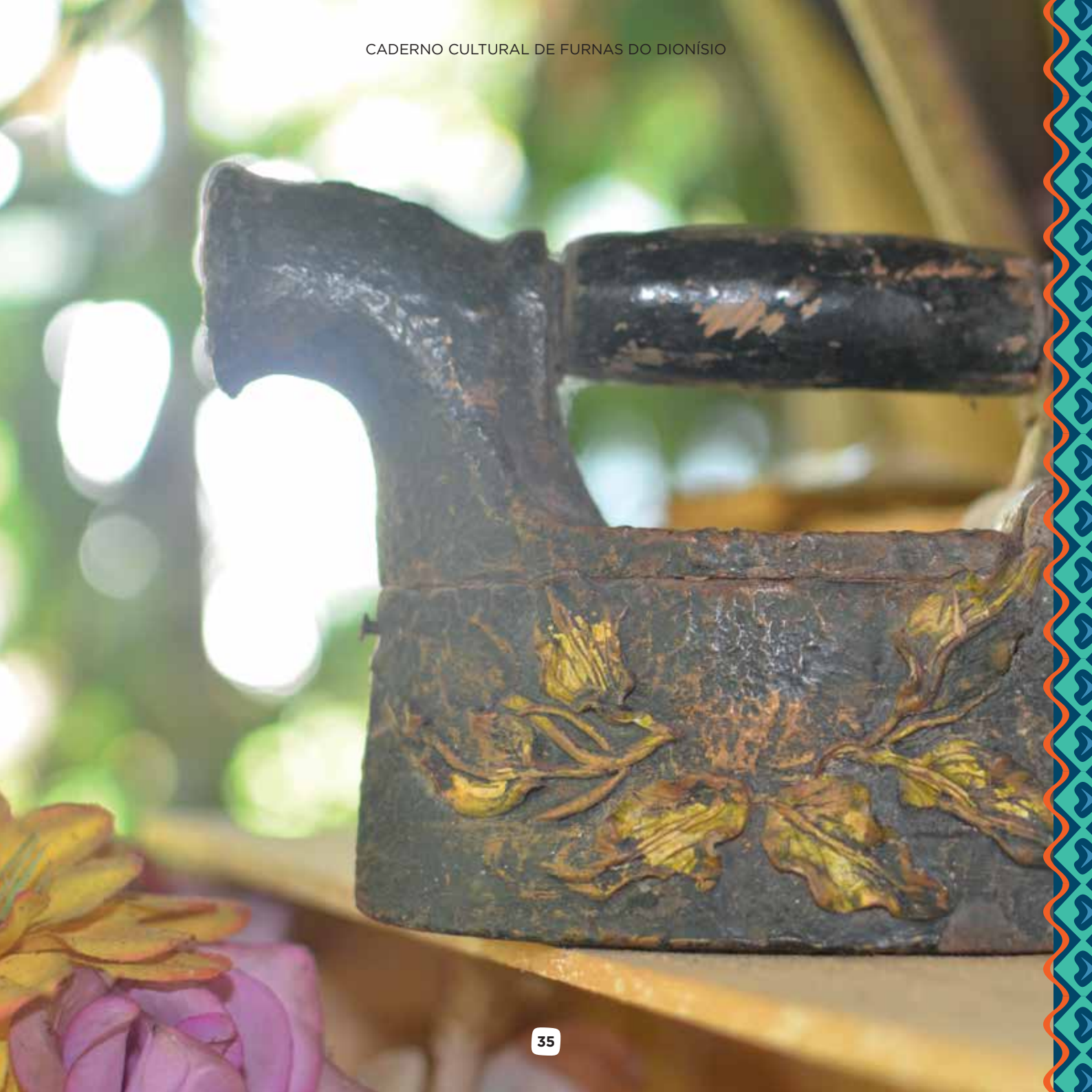
Com o difícil acesso a Campo Grande e aos poucos recursos financeiros da comunidade a troca de roupas acontecia com um espaço de tempo maior que se costuma fazer hoje. A lavagem de roupas acontecia uma vez por semana no córrego, as mulheres e meninas lavavam suas roupas em um local específico do riacho e os meninos e homens em outra parte

mais acima ou mais abaixo, era necessário esperar a secagem da roupa para usar novamente, então as pessoas permaneciam no córrego até o fim do processo de lavagem de roupas, devido a geralmente possuírem somente aquelas peças.

Não havia na época buchas e esponjas, então utilizavam sabugos de milho queimado ou crina de cavalo para esfregar as roupas. Para lidar com as roupas brancas e claras costumavam colocar para quilar num giral feito de quatro estacas com varas atravessadas e folhas de bacuri, colocava se as roupas em cima para alvejar. Maria Aparecida Martins, ou simplesmente Cida nos contou que as pessoas antigas gostavam muito de roupas brancas em meio a risos. Como antigamente não havia energia elétrica disponível na comunidade utilizavam ferro em brasa para passar as roupas.

Para as crianças usarem vestidos quando acontecia alguma festa na comunidade eram cortadas as barras de camisas e costuradas para confeccionar a peça, para usar um vestido novo, e as camisas dos meninos eram produzidas com os mesmos tecidos. As calcinhas eram produzidas a partir do material de bolsa de saco de sal, presas com botão e recortadas no formato de calçola.

¹Informações disponíveis em <http://www.floresdocerrado.fot.br/pantanal/f51.htm>. Acesso: abril de 2019.



O chitão ou chita (tecido de algodão) com estampas geralmente florais em cores primárias (vermelho, azul e amarelo) ou secundárias (verde, laranja, roxo ou violeta) era usado para apresentações da dança Ofertório. Essa dança é categorizada como litúrgica e, em Furnas do Dionísio, era também apresentada durante a missa do dia 20 de Novembro.

A troca de mercadorias, especialmente tecidos, eram comprados ou trocados em Campo Grande por produtos cultivados/produzidos em Furnas do Dionísio. Cida conta que os tecidos adquiridos e utilizados eram além do chitão, o linho, brim, mescla, sacos de produtos.

Sapatos

Era costume andar descalço pela comunidade por toda parte, o que usavam após o banho eram sapatos feitos de palha de milho, amarrados aos pés e desatados antes de dormir com o objetivo de não sujar os lençóis. Algumas pessoas além da palha de milho usavam folhas de bananeira como calçado. Em entrevista Dona Maria Batista relata:

“Gente, sabe qual que era o sapato que nós usava para sair nessas festas aí? Nós pegávamos palha de milho. Você tirava o milho de dentro, a palha certinha, aí você punha uma

de frente com a outra ali e punha o pé dentro e amarrava [...] de banana para você fazer um calçado para você ficar na festa. [...] tinha sapato não nós ia pra essas festas tudo aí óh todo mundo com pé no chão e era feliz”.

⁹Artesanato base de palha das Peneiras de Arroz de Tia Maria.



FURNAS DO DIONÍSIO

PASSADO, PRESENTE E FUTURO



Peneiras de arroz

Por muito tempo o alimento era totalmente produzido pelas pessoas em suas chácaras, o arroz era cultivado, colhido e socado em grandes pilões, para em seguida ser peneirado e preparado para as refeições, desta forma a construção de peneiras para arroz era parte da necessidade e tradição da comunidade. A tradição ficou adormecida por algum tempo quando já era possível levar o arroz até uma máquina de separar cascas, e posteriormente comprar descascado para preparação. Em tempos atuais as mulheres de Furnas do Dionísio voltaram a confeccionar peneiras como as que eram usadas antigamente para limpar o arroz ou como diz Tia Maria “para abanar o arroz”, no entanto agora as peneiras foram ressignificadas e são utilizadas como enfeites e artesanatos para comercialização. Em tempos difíceis e de seca quando não havia disponível o arroz maduro, colhia se o cacho verde mesmo, secado e torrado no tacho para em seguida ser socado nos grandes pilões, como o grão era retirado antes do tempo o cozido tinha como resultado final uma papa que alimentava as famílias. Por muito tempo aconteceu desta forma o processo de descasque do arroz, em determinada época Senhor Justino adquiriu uma máquina de separação do grão e casca, mas nem todos da comunidade tinham acesso a máquina.

¹⁰Processo de produção das Peneiras de Arroz de Tia Maria em dois momentos.

10





FURNAS DO DIONÍSIO PASSADO, PRESENTE E FUTURO



Educação e escolas

A primeira escola de Furnas do Dionísio foi construída no ano de 1958 de pau a pique, as cadeiras que as crianças utilizavam para sentar eram construídas com lascas de madeira, tocos, por muito tempo a escola funcionou na estrutura de sapé com uma única sala de aula. Em 1984 foi construída a escola de alvenaria por meio da prefeitura de Jaraguari. Na foto abaixo inauguração da escola com a presença do professor da época, Benedito Azamura.

Senhor Luís Silva recebe broche do prefeito de Jaraguari no dia da inauguração da primeira escola da comunidade em 1958.

A dinâmica de aulas se dava da seguinte forma, no período matutino o 1º e 2º ano tinham aulas, e no período vespertino o 3º e 4º ano, pois o espaço disponível era uma sala de aula somente. O professor da época segundo o senhor Juvenil Carlos chamava-se Benedito Azamura. Professora Clemilda em entrevista nos contou saudosa a respeito de algumas professoras que ministraram aulas na escola como Dona Cleuza e Dona Sônia. Dona Cleuza lecionou durante 25 anos na escola da comunidade. No início a escola municipal chamava se Lajadiu Color, porém mudou de nome na década de 90 com o objetivo de homenagear o fundador da comunidade mudou para Escola Municipal Dionísio Antônio Vieira. Até os dias de hoje a escola oferece a educação infantil básica do 1º ao 4º ano.

Havia uma sala que funcionava como escola, chamava se “Treze de Maio”, foi construída por volta de 1990 na entrada da comunidade, uma área cedida pelo finado Paulo Justino. Foi destinada para uma parcela das pessoas que trabalhavam em fazendas próximas à comunidade, como a fazenda Pombal por exemplo. Naquela época as crianças se deslocavam a pé para irem à escola e, como a escola municipal localizava-se muito longe de algumas delas, a escola Treze de Maio serviu para alfabetizar essas crianças. As aulas aconteceram nessa sala até o ano de 1999, quando foi desativado e as crianças que ali estudavam tiveram acesso via transporte escolar à escola municipal Dionísio Antônio Vieira.

Quem desejasse continuar os estudos precisava se deslocar ou para Jaraguari via ônibus ou para a capital Campo Grande, mudando de residência.

A Escola Estadual Zumbi dos Palmares foi inaugurada em junho de 1996, no início a educação ministrada aconteceu a partir do projeto Telecurso, baseado nas regiões rurais do nordeste, após as provas os alunos aprovados partiram para os estudos do 5º ano na escola. O terreno onde hoje é a escola foi doado pelo senhor Joaquim Silva. A escola foi construída através de um projeto pensado pelo Senhor Aleixo Paraguassu, na época ocupava cargo na Secretaria de Educação do Estado de MS,

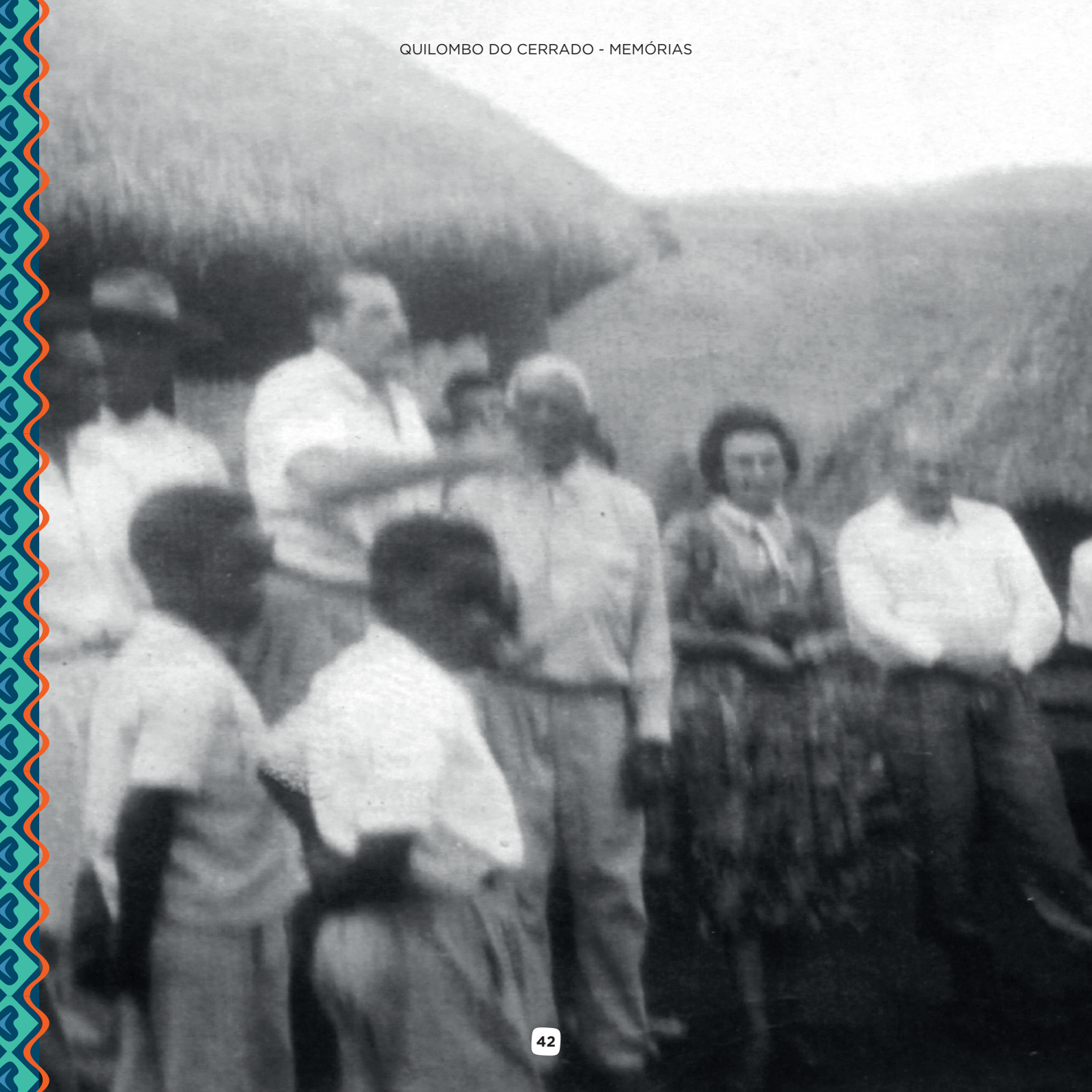
militante do movimento negro. Em agosto de 2013 a escola foi ampliada e reformada, em 2018 foi construída a quadra poliesportiva coberta. Hoje a escola oferece educação fundamental do 5º ao 9º ano na modalidade integral e no período noturno o ensino médio. A escola passou a oferecer ensino integral à comunidade a partir do ano de 2017. No presente ano de 2019 a escola está sendo ampliada com a construção de mais salas de aula.

O espaço da escola tornou se importante para além das aulas e da educação, reuniões com o movimento negro e outros movimentos de base aconteciam nas dependências da escola e auxiliou no fortalecimento da Associação de Pequenos Produtores Rurais de Furnas do Dionísio construída ao lado.

¹¹ Senhor Luís Silva recebe broche do prefeito de Jaraguari no dia da inauguração da primeira escola da comunidade em 1958. Foto cedida por Dona Maria Batista.

11





12



¹²Nilton e Tino, amigos sentados na janela de escola. Foto cedida por Dona Maria Batista.

FURNAS DO DIONÍSIO

PASSADO, PRESENTE E FUTURO



Festas e Casamentos

O povo de Furnas do Dionísio tem grande apreço por festas e bailes, um povo muito festivo e alegre, em entrevista Tia Maria nos relatou:

“De primeira, o salão era de folhas de bacuri aquele barracão, daí o que que nós fazia? fazia lamparina, 4 lamparina, 5... punha uma lamparina em cada canto do salão, uma no meio. Aí surgiu o lampião. Aqui mesmo, embaixo daquela árvore saiu cada festa boa. O salão era na terra. E começava de dia e terminava já tarde. Às vezes 8 horas o pessoal tava dançando, da manhã. [...] A festa, primeiro, era os mais velhos. Ia fazer qualquer coisa, o mais velho ia e falava com a pessoa”.

Dona Dete partilhou uma lembrança sobre as danças e baile nos casamentos:

“Por que quando saia um baile, podia ser um casamento. E a coisa mais bonita aqui era que se a noiva dançar no salão, enquanto a noiva não dançava os outros não dançavam. Primeiro dançava o catira, aí vinha a noiva dançava a valsa, né. Uma valsa bonita, hoje em

dia nem tem mais valsa”.

As pessoas guardiãs das memórias de Furnas contam saudosas como aconteciam os casamentos tradicionais na comunidade, quais eram as comidas tradicionais, as danças, a disposição dos convidados, o ritual do casamento.

A festa de casamento geralmente era organizada pelas famílias dos noivos, com ajuda de pessoas que tradicionalmente eram ativas nas festas da comunidade como dona Sinhaninha, por exemplo, que possuía dotes culinários e costurava. Era costume os noivos terem uma mesa a parte bem farta, assim como os padrinhos sentavam-se em uma mesa ao lado, e os demais convidados espalhados pelo salão que se serviam à vontade em outra mesa. A abundância era algo que não podia faltar nas festas, as pessoas comiam à vontade. Os casamentos eram celebrados na igreja, os noivos acompanhados em cortejo e quando chegavam na festa eram recebidos com pétalas de rosas jogadas por moças da comunidade e sentavam-se em um altar decorado com flores naturais.

Nos casamentos o cardápio tradicional era a carne cheia, linguiça, almondegas, macarrão com frango, macarrão com linguiça, arroz com gueroba, no cardápio de doces não podia faltar o bolo de goma, brevidade, quebrador, arroz



13

¹³Fotos de casamentos que aconteceram antigamente na comunidade quilombola Furnas do Dionísio. Foto cedida por Dona Maria Batista.

13



doce, doce de leite, doce de mamão, doce de queijo, doce de laranja, dentre outros diversos conforme a época. A família matava vaca, porco e fritava os pedaços de carne para guardar em latas de banha no intuito de ficar gostoso e conservar até a data. Eram produzidos sacos e sacos de bolo de goma, brevidade, latas de doces e reservadas para o casamento. Dona Maria Batista contou que pucheiro não fazia parte da tradição culinária da comunidade porque toda a carne em volta do osso era retirada para compor as linguiças, tudo cortado a faca manualmente, nada era desperdiçado. Podemos vislumbrar um resumo e breve análise de como a vida cotidiana de antigamente acontecia e como tem sido hoje a rotina e modo de vida dentro da comunidade, abaixo o trecho de Professora Clemilda:

“...nós tivemos bastante evolução na questão casa, moradia, é, o pessoal antes no passado, eles viviam né da terra, então quer dizer tem parte que melhorou e tem parte que não, porque hoje as pessoas aprendeu a comer só comida industrializada, o arroz né, se vai lá no supermercado e compra o arroz, o feijão tudo vem ensacado hoje e no passado você pegava na roça, trazia pra dentro de casa mesmo que você mandava

beneficiar o arroz, limpar, mas ai você tinha um produto ali natural que você plantava, que você produzia, então as pessoas tinha mais compromisso com a vida, entendeu, era, parece que tinha mais harmonia entre as famílias que até através do trabalho se unia mais né, tinha mais vivência, e hoje não, hoje as coisa ta, aqui já ta caminhando num ritmo mais da cidade, você vai no supermercado faz sua comprona, põe dentro do armário, e fica ali sabe vivendo e as pessoas já não tem mais aquela questão preocupação com o plantio, com a produção, porque também pro pequeno produtor as coisas ficou ruim né, essa questão da produção, porque quem hoje, quem ganha hoje nessa questão plantio é só quem produz muito, tem maquinário, tem implementos ai produz bem, quem não tem, a sorte do povo da comunidade é a questão da rapadura, tudo recai sobre ela hoje, porque hoje a rapadura está sendo a fonte, a fonte de renda né...”

Dona Maria Batista fala da importância de se preservar as memórias e histórias de Furnas do Dionísio, faz um comparativo do passado e

“

*A vida era
vivida com
simplicidade e
felicidade.*

”

Professora Clemilda

presente:

“Você tem que ter na memória para você poder contar. Por que muitas pessoas acham, que não é brincado, aqui, muita gente fala “Furnas é rica”. Hoje, graças a Deus, é rica mesmo. O tempo que foi para trás, hoje nós somos ricos. Por que para trás foi difícil”.

A comunidade quilombola Furnas do Dionísio mantém parte de seu modo de vida ancestral, os mais antigos contam saudosos e com muito amor suas histórias e de seus ancestrais.

¹⁴Foto de casamento que aconteceu na comunidade quilombola Furnas do Dionísio antigamente. Foto cedida por Dona Maria Batista.



FURNAS DO DIONÍSIO

PASSADO, PRESENTE E FUTURO



Futuro

Nesse presente momento, 2019, está prevista a construção de uma farinheira na comunidade, uma reivindicação antiga.

Com a reforma e melhorias no espaço da Associação de Pequenos Produtores Rurais de Furnas do Dionísio espera-se que se torne um ponto conhecido de venda, fabricação e divulgação da tradição da comunidade com produtos ligados à cana de açúcar e mandioca, dentre outros.

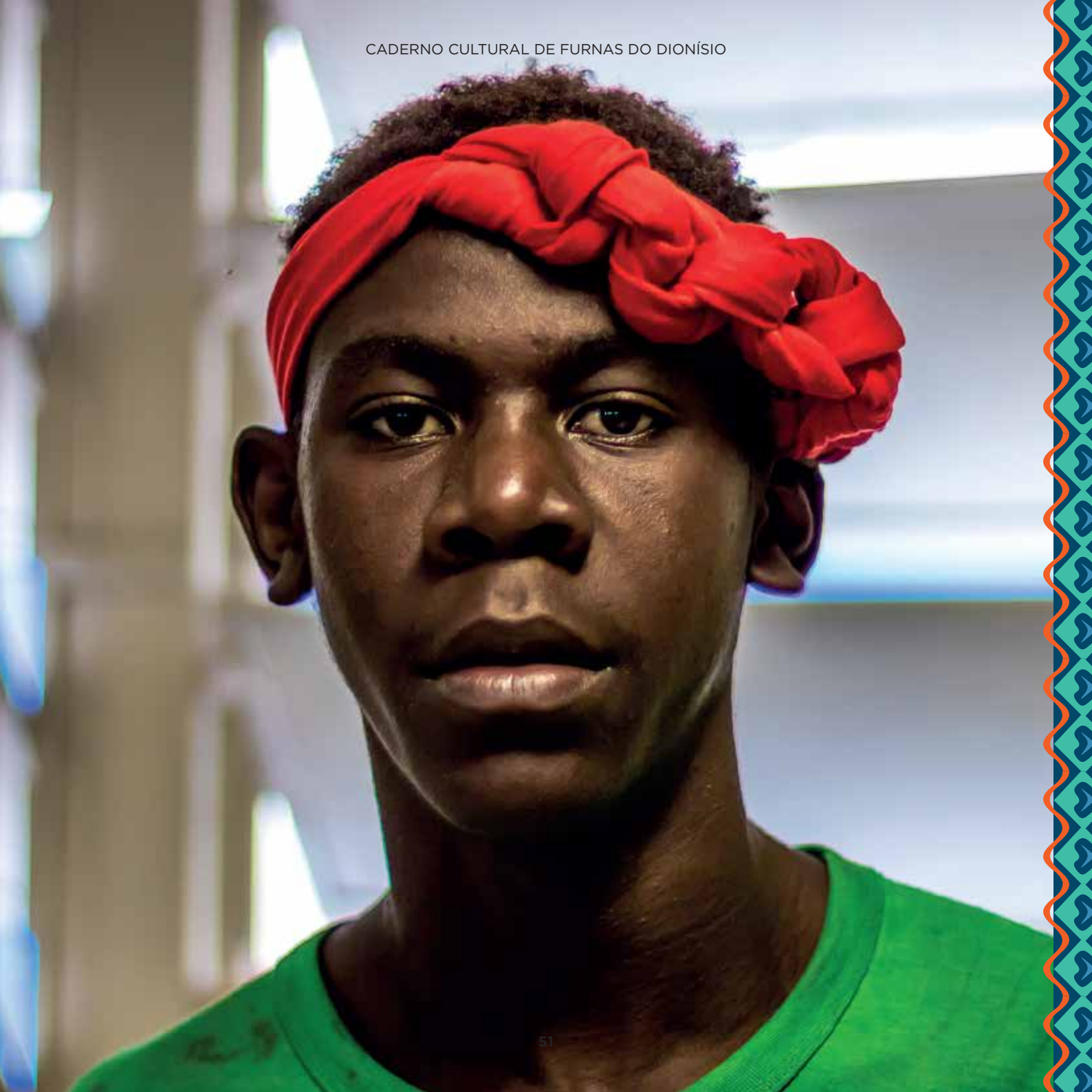
Durante o tempo que foi desenvolvido o projeto Protagonistas desta História pelo IBISS|CO, no ano de 2018 foram realizadas oficinas de amarrações de turbante em parceria com o Coletivo de Mulheres Negras de Mato Grosso do Sul “Raimunda Luzia de Brito” – CMNEGRAS com adolescentes quilombolas de Furnas do Dionísio do 8º e 9º ano da Escola Estadual Zumbi dos Palmares, uma parceria do IBISS|CO e escola. As oficinas trataram além do ensino e prática de vários tipos de amarrações de turbantes, da história do turbante no mundo e no Brasil, empoderamento quanto à identidade afro no Brasil, conversas sobre racismos e Estatuto da Igualdade Racial. A partir da sensibilização e empoderamento quanto a identidade afro-brasileira buscamos a inserção do uso de turbantes tanto pelos jovens quilombolas como pelas pessoas da comunidade, com a proposta deles e delas serem multiplicadores/as das técnicas e disseminadores dos conhecimentos

trocados nas oficinas. Para isso o IBISS|CO e CMNEGRAS fortaleceu a questão do uso do turbante na comunidade com a participação na 1ª Feira do Conhecimento da Escola Estadual Zumbi dos Palmares com oficina de amarrações de turbante aberta a todas pessoas presentes, a ação aconteceu no mês de novembro de 2018. Alguns retratos das atividades de amarrações de turbante:



15

¹⁵ Amarração de turbante fechado e pintura corporal tribal africana.



A comunidade nos relatou algumas necessidades que precisam ser sanadas, reivindicações que esperam conquistar. Furnas do Dionísio não possui posto de saúde equipado, o que existe é uma sala anexa à Escola Municipal Dionísio Antônio Vieira com atendimentos quinzenais, quando necessário as pessoas precisam deslocar-se ou para a cidade de Jaraguari ou para a capital Campo Grande. Posto de saúde com atendimento contínuo é uma requisição das pessoas de Furnas.

Quanto ao lixo, a comunidade não possui um sistema de coleta e retirada, desta forma os lixos orgânicos voltam ao ambiente e os outros tipos de materiais descartados como plásticos e papéis são queimados nos quintais, mas os outros tipos de materiais são acumulados e estocados em algum local da propriedade.

Outra reivindicação da comunidade é quanto ao sinal das redes telefônicas. Devido ao território ser rodeado de morros muitas pessoas reclamam que “não dá torre” na comunidade. Para acessar ligações e internet é preciso se deslocar para alguns poucos pontos específicos na comunidade. É possível utilizar internet na escola estadual da comunidade, porém somente pessoas ligadas de alguma forma a ela conseguem acessar.

Os jovens quilombolas que desejam continuar os estudos e cursar o ensino superior precisam mudar-se para a capital Campo Grande ou outras

cidades e estados, com o intuito de conquistar formação na área desejada, reivindicam ônibus para realizar o traslado desses jovens até Campo Grande diariamente.

Estas são somente alguns exemplos de reivindicações da comunidade com vistas a deixarem de ser no futuro. Para saber mais a respeito das necessidades programe uma visita a essa comunidade maravilhosa.

¹⁶Amarração de turbante aberta.













MARCADORES DO TEMPO
FURNAS DO DIONÍSIO

1890



Chegada e estabelecimento de Dionísio Antônio Vieira no estado de Mato Grosso em Furnas do Dionísio.

1956

Fundação da igreja católica Santo Antônio na comunidade, construída de pau-a-pique.



1958

Fundação da primeira Escola Municipal Dionísio Antônio Vieira de Furnas do Dionísio construída de pau a pique.



2003

Construção da Agroindústria de derivados de cana de açúcar em Furnas do Dionísio - Projeto Prove Pantanal.



2002

Associação de Pequenos Produtores Rurais de Furnas do Dionísio recebe declaração de Utilidade Pública Estadual.

2000

Território titulado pela Fundação Cultural Palmares.



2003

Processo encaminhado ao INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) para serviços de demarcação conforme Decreto 4883.



2005

Fundação Cultural Palmares reconhece Furnas do Dionísio como Comunidade Remanescente de Quilombo. Implantação de Módulos Sanitários Domiciliares (MSD) pela FUNASA.

2014

Comunidade recebe um micro ônibus para transporte escolar.



2013

Entrega de 51 casas pelo Programa de Subsídio à Habitação de Interesse Social/2009. Ampliação e reforma da Escola Estadual Zumbi dos Palmares.

2012

Entrega de patrulha mecanizada para a comunidade.



2015

Caminhão para escoamento de alimentos produzidos na comunidade - Projeto Ele Égbè. Pavimentação Asfáltica da rodovia MS - 10 de Campo Grande até o Distrito de Rochedinho, caminho para Furnas do Dionísio.



2016

Festival da Rapadura e a rapadura artesanal de Furnas do Dionísio tornam se Patrimônio Histórico e Cultural de Mato Grosso do Sul.



1980



Fundação da primeira igreja evangélica na comunidade - Assembleia de Deus.

1984



Fundação da Escola Municipal Dionísio Vieira em alvenaria.

1990



Instalação de rede elétrica na comunidade. Fundação da Associação de Pequenos Produtores Rurais de Furnas do Dionísio

1998



Abertura de processo para certificação junto a Fundação Cultural Palmares.

1996



Fundação da Escola Estadual Zumbi dos Palmares.

2005



Registro da Associação de Pequenos Produtores Rurais de Furnas do Dionísio - CNPJ (Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica).

2008

Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) da comunidade.



2009

INCRA reconhece Furnas do Dionísio como Comunidade Remanescente de Quilombo.

2011



Primeiro Festival da Rapadura de Furnas do Dionísio. Sistema de abastecimento de água (caixa d'água e encanamentos) através da FUNASA.

2009

FUNASA (Fundação Nacional de Saúde) lança Coletânea sobre comunidades Negras Rurais e Quilombolas de Mato Grosso do Sul, com informações de Furnas do Dionísio e mais 12 outras comunidades.



2017

Reforma da sede da Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Furnas de Dionísio através de projeto da Energiza, UCDB (Universidade Católica Dom Bosco) e SEMAGRO (Secretaria de Estado de Meio Ambiente, Desenvolvimento Econômico, Produção e Agricultura Familiar).

2017

Cobertura da quadra poliesportiva na Escola Estadual Zumbi dos Palmares.



2018

Selo da Identificação da Participação da Agricultura Familiar (SIPAF) para os produtos comercializados pela comunidade. O selo é concedido pela Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário (SEAD).



JOHN & JOHN
MADE IN PHILIPPINES

WALDE ESPANOLA DE ENSINO

ENSINO



Capítulo 2

MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DE FURNAS DO DIONÍSIO

MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DE FURNAS DO DIONÍSIO



Danças e Músicas

A música e a dança são formas de expressão cultural e formam a identidade cultural de um povo e estão, de certa maneira, interligadas. Na Comunidade Quilombola de Furnas do Dionísio há expressões de dança e música chamadas: Catira, Cobrinha, Engenho Novo, Xote, Vilão, Piririca/ Piriricão. A partir da interação com pessoas que são referência e guardiãs da história da comunidade pode-se apreender algumas informações sobre cada uma dessas danças e músicas.

Catira

É uma dança folclórica brasileira marcada pela batida dos pés e das palmas dos(as) dançarinos(as). É composta por influências africanas, indígenas e europeias, cuja origem é atribuída ao norte de Minas, interior de São Paulo e Goiás.

Em conversa com a professora Clemilda, ela nos contou que nas casas do pessoal que cantava e dançava Catira o piso era com assoalho, tablado encerado, mesmo sendo casas de sapê. As mulheres vestiam saias longas e rodadas para ficar “cirandando” e o homens usavam botas para fazer as batidas dos pés mais bem marcadas.

Seu Joaquim Abadio já era da época em que a Catira era dançada no terreiro das casas, no chão batido. Lembrou que quando era criança,

juntava mais de 20 homens e mulheres para dançar o catira, batiam o pé e levantavam a poeira.

Já seu Bastião cantou alguns versos usados na batida do Catira.

♪♪ “É bem triste o meu passado senhorio presta atenção, meu pai foi um boiadeiro que cortava o estradão, amontado em seu bragado com o seu berrante na mão, na garupa o seu laço que era de estimação, ele morreu nessa vida, na fazenda do brotão, pra mim ficou a saudade, olarai, a tristeza e a paixão” ♪♪ (Trecho cantado pelo seu Bastião).

Lembrou de mais um “recortado” – como eles chamam os versos da catira – que diz assim:

♪♪ “Junto com meu benzinho comi um docinho bom, doce que só o açúcar, azedo que só limão botei o doce na boca senti o gosto na mão” ♪♪ (Trecho cantado pelo seu Bastião).

Já a Maria Aparecida, mais conhecida como Cida, que acompanhava o seu Joaquim – seu tio, irmão de seu pai – nas Catiras que tinham

em Furnas cantou os seguintes versos:

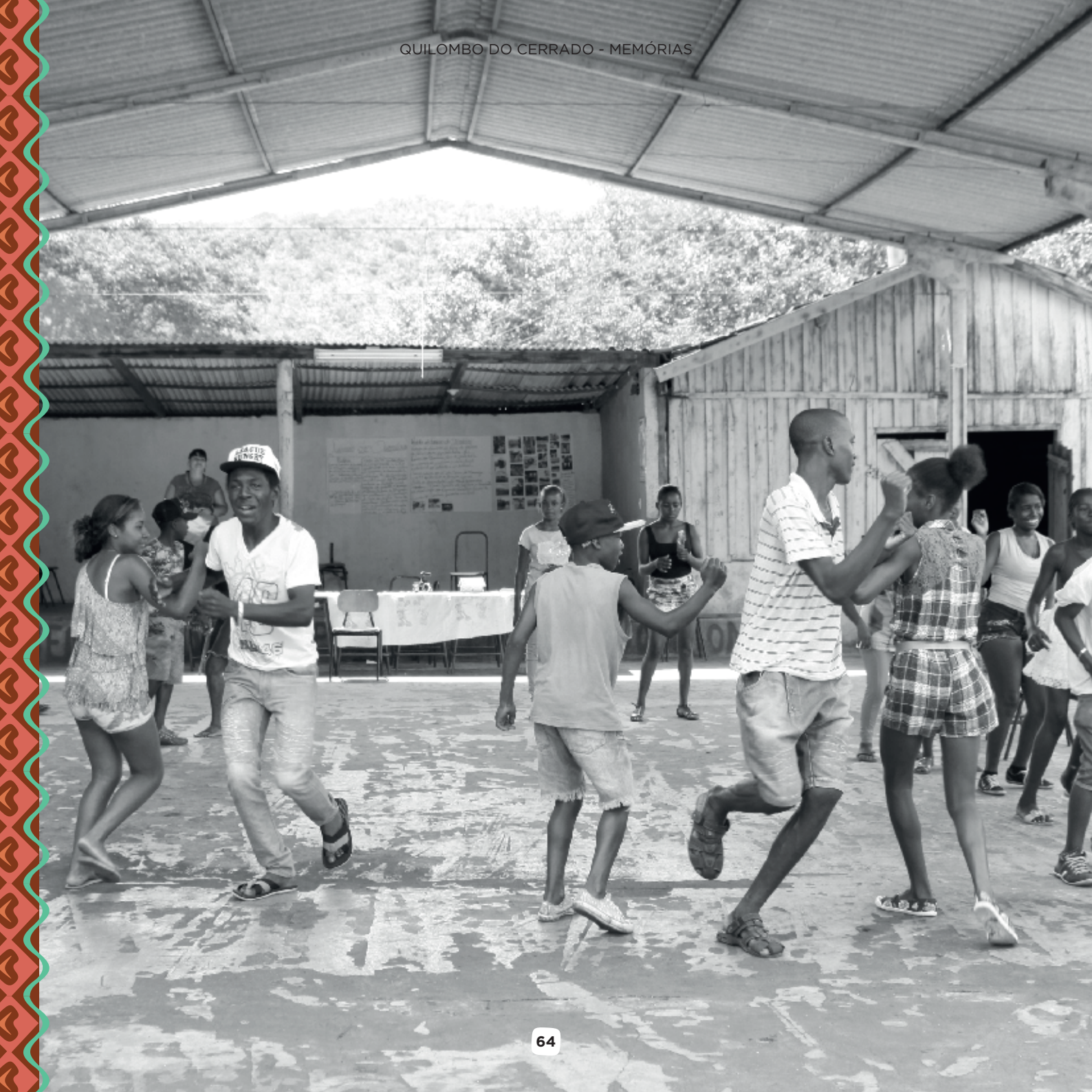
“♪♪Azedo como um limão, vou embora lá pra casa vou cuidar da obrigação♪♪ (Trecho cantado pela Cida).



17

¹⁷Dança do Engenho Novo na Associação de Pequenos Produtores Rurais de Furnas do Dionísio - Jaraguari/MS.





“

A gente de primeiro podia dançar um baile mas tinha que dançar o catira primeiro, se não dançasse ninguém dançava o baile. [...] Primeiro os mais velhos aí vem os mais novos dançar.

”

Seu Joaquim

MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DE FURNAS DO DIONÍSIO



Engenho Novo

Sobre a dança do Engenho Novo, a professora Clemilda contou que no ano de 2000 quando começou a lecionar na Escola Estadual Zumbi dos Palmares encabeçou o processo de (re) tomada da dança pela comunidade. Segundo ela, houve uma capacitação para que algumas pessoas tornam-se guardiãs e multiplicadoras da dança do Engenho Novo dentro da comunidade de Furnas do Dionísio. A professora Clemilda é uma dessas multiplicadoras e ensina seus alunos e alunas a dança, ensaiando com certa periodicidade para apresentações dentro e fora da escola.

“Dança cuja coreografia assemelha-se ao movimento do engenho de cana, e seus versos lembram passagens de trabalho como essa máquina e também conversas entre seus operadores. [...] possui andamento rápido e alegre”.²

Clemilda explica que “Engenho Novo ele não tem letra, mas você pode criar, você tem que virar repentista, criar música. Só toque, de vez em quando dá uma ‘fumaceda’.”



18

¹⁸Dança do Engenho Novo na Associação de Pequenos Produtores Rurais de Furnas do Dionísio – Jaraguari/MS.

² Trecho disponível em: <http://www.conexaooculturalsite.xpg.com.br/dancas.htm>. Acesso em abril de 2019.

Vilão

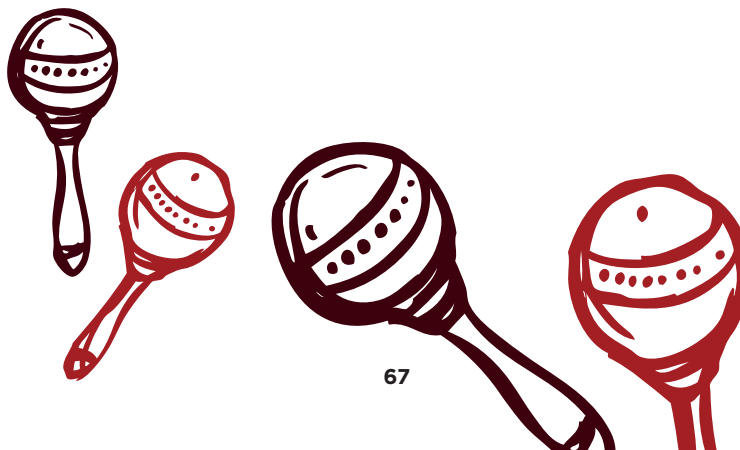
Nessa dança as moças seguram um lenço de um lado e os cavalheiros seguram do outro lado formando um túnel em que os casais vão passando por dentro sempre com os lenços nas mãos. Na comunidade o Vilão não era uma dança tão frequente conta Clemilda, sua música e melodia eram semelhantes à do Engenho Novo.

Cobrinha

A cobrinha é a dança de encerramento ou de despedida para finalizar a apresentação do Engenho Novo. Os dançarinos e dançarinas fazem uma fila de mãos dadas e encerram a apresentação imitando o movimento de uma cobra.



18



MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DE FURNAS DO DIONÍSIO

Piririca ou Piriricão

Trata-se de poemas em rimas que eram cantados durante as danças em pares que aconteciam nas festas e bailes da comunidade, como a Cida explica:

“Por exemplo, um rapaz estava interessado em você, ele ia dançar com você e ia cantar um verso passando o que ele queria com você. E a mesma coisa era as meninas, o Joaquim da tia Ciana cantou um verso para a Tereza até bonito. “Em cima daquela serra tem um caldeirãozinho de vidro”. E aí a Tereza falou assim pra ele: “Em cima daquela serra tem um pé de mamão roxo, quem não sabe cantar verso vai comer no coxo”.

Ou quando não queria levar desaforo para casa:

“Menino quando eu te amava pulava cerca de espinho, hoje eu pago dinheiro para não ver o seu focinho” (Piriricão de autoria da professora Clemilda).

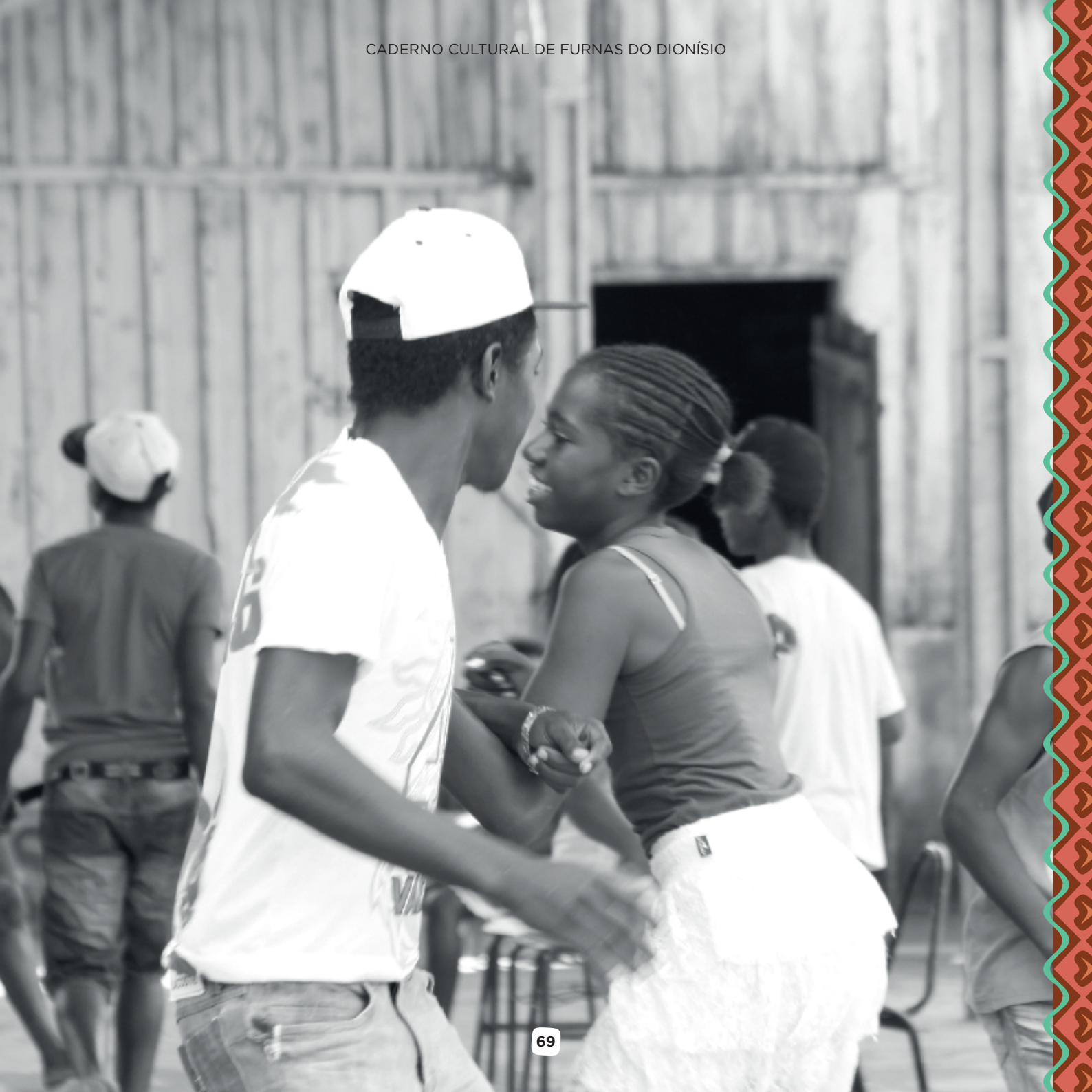
A música e a dança estão presentes nas



atividades diárias da comunidade de Furnas do Dionísio e são passadas de geração em geração. Sabe-se que existiam outras danças na Comunidade Furnas do Dionísio como, por exemplo, a dança do vilão e a cirandinha. Contudo, não foi verificado que elas são praticadas atualmente, por esse motivo, apenas vamos mencioná-las. E, como as pesquisadoras Maria de Lourdes Bandeira e Triana de Veneza Sodré mencionam:

Geralmente se dança catira, uma dança comum em localidades rurais tradicionais de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso do Sul e São Paulo. Em Furnas ainda existem os especialistas de marcação do ritmo da dança, localmente denominados “puxadores de palma do catira”. Além da catira, antigamente se dançava ciranda, engenho novo, vilão, cobrinha, lundu. (BANDEIRA; SODRÉ, 2002, p.v235).³

³ BANDEIRA, Maria de Lourdes; SODRÉ, Triana de Veneza. Furnas de Dionísio (MS). In: Quilombos: Identidade Étnica e Territorialidade. Eliane Catarino O'Dwyer (organizadora). Rio de Janeiro. Editora da Fundação Getúlio Vargas/ Associação Brasileira de Antropologia (Co-editora), p. 217-253, 2002.



MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DE FURNAS DO DIONÍSIO

Religiões e Festejos tradicionais

A prática religiosa em Furnas do Dionísio está ligada também aos festejos que acontecem na comunidade, como é o caso da Festa de Santo Antônio (13 de junho) e a Festa de Nossa Senhora Aparecida (12 de outubro).

De acordo com pesquisas realizadas em Furnas do Dionísio a maioria dos moradores são católicos. Uma das pesquisas intitulada “A prática de benzimento com uso de plantas na comunidade rural remanescente de quilombo de Furnas do Dionísio, Jaraguari, Mato Grosso do Sul⁴” apontava em 2007 que 72% das pessoas entrevistadas eram católicos e 28% evangélicos. Já na pesquisa “Territorialidade Quilombola e estratégias de resistência camponesa na agricultura familiar da Comunidade de Furnas do Dionísio/Jaraguari-MS⁵” de 2015 a proporção mudou um pouco, mas a amostra de católicos continuava maior, representando 69% e evangélicos 30%.

De acordo com os entrevistados, esse fato se deve à história do local, sendo o seu fundador praticante da religião católica que foi difundida a seus descendentes. Não foram



observadas práticas ligadas a cultos de origem africana. Não só tais práticas inexistem como são repelidas, pelo menos é o que deixa transparecer a fala de um dos entrevistados: “aqui isso não tem não, graças a Deus”. (CHAGAS, 2007, p.215).

Os principais e mais antigos templos religiosos da comunidade são a Igreja de Santo Antônio e a Assembleia de Deus de Madureira (Chagas, 2007). A dona Lurdete (conhecida como Dete) construiu em seu terreno a Capela de Nossa Senhora Aparecida em 1994, uma vez que a Festa de Nossa Senhora Aparecida iniciou em 1986 em Furnas do Dionísio. Dona Dete é uma das pessoas que mantém a tradição do Terço Cantado e está ensinando seu netos e netas a rezarem esse tipo de Terço. Quando acontecia os Terços, dona Maria Batista – outra pessoa referência da comunidade – conta que era o momento de se comer o tradicional Bolo de Goma de Furnas do Dionísio.

No dia 12 de outubro é celebrado a Dia de Nossa Senhora Aparecida no Brasil. Em

⁴ CHAGAS, Márcia Cristina Correia et al. A prática de benzimento com uso de plantas na comunidade rural remanescente de quilombo de Furnas do Dionísio, Jaraguari, Mato Grosso do Sul. Multitemas. Campo Grande-MS, n. 35, p. 207-224, dez. 2007.

⁵ BALDO, Ana Cláudia Sacchi. Territorialidade Quilombola e estratégias de resistência camponesa na agricultura familiar da Comunidade de Furnas do Dionísio/Jaraguari-MS. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Rondonópolis/MT, DEZEMBRO 2015.



Furnas do Dionísio a Festa de Nossa Senhora Aparecida é organizada por dona Dete que nos falou como é a programação, o festejo inicia-se com procissão, orações de terços pela manhã, seguida de missa e almoço comunitário. Como é celebrado o “Dia das Crianças” na mesma data sagrada, elas têm participação fundamental com os terços cantados, como por exemplo, “Maria de Nazaré/ Maria me cativou/ Fez mais forte a minha fé/ E por filho me adotou” relata dona Dete. Nos primeiros anos dona Dete fazia o almoço com alguns frangos e doações recebidas, hoje ela recebe doações de 3 ou 4 vacas para churrasco, arroz carreteiro, doces e bolos para serem servidos na celebração. A igreja católica de Santo Antônio foi construída em 1956 de pau a pique e capim de bacuri, por vários anos as missas aconteceram nessa estrutura até que João Badio construiu a igreja de tábuas retiradas de árvores que estavam ao redor. Antes da construção da igreja as pessoas reuniam se na sombra de um pé de árvore de Pombo (ao lado da atual igreja católica) para a realização das rezas. Professora Clemilda nos relatou como se deu a construção da igreja católica em Furnas:

“Foi construída através de uma promessa feita por um dos filhos de Dionísio, na época em que ocorreu uma grande seca e seus arrozais

estavam perdendo e os cachos estavam embranquecendo, e suas terras também estavam passando por um período de dificuldade, então Abadio um dos filhos de Dionísio fez uma promessa a santo Antônio se não perdesse suas terras e sua colheita fosse bem faria uma igreja a santo Antônio segundo conta sua filha Tereza Martins. Quando no ano de 1956. Suas suplicas foram ouvidas e a igreja foi construída no terreno doado por Abadio e sua esposa Eva (Evinha) tinha missas uma vez por mês, com padres, porem o povo cada um em suas particularidades faziam suas devoção, rezavam terço, faziam penitencias, etc... Os devotos faziam os sacramentos da igreja católica batizavam seus filhos, faziam a primeira comunhão e a crisma ainda celebravam os casamentos na igreja, o casamento cível era realizado no Distrito de Água Boa”.



No Brasil foi instituído o dia 13 de junho como o Dia de Santo Antônio, uma tradição secular no país. Furnas do Dionísio tem como padroeiro Santo Antônio e é tradição na comunidade celebrar as festas juninas.

Na semana da festa tradicional de Santo Antônio o costume era rezar até a meia noite na quinta-feira, na sexta feira a reza acontecia na igreja em vigília até amanhecer o dia, as pessoas se organizavam para preparar a alimentação para todos os presentes, conforme as pessoas antigas da comunidade foram falecendo esse formato da festa foi mudando. Antigamente pessoas que buscavam alguma benção realizavam o “jejum de sacrifício” para alcançar a graça desejada, ficavam o dia todo sem comer e sem beber água. Além do jejum de sacrifício as pessoas em sua maioria andavam a pé no período de festas de Santo Antônio ou a cavalo da seguinte forma:

“O pessoal que tinha problema que não aguentava andar a pé, punha o arreio, punha a pessoa que sustentava o arreio nas pernas e ia montar no cavalo deles e trazia de lá aqui sem apertar a barriqueta no cavalo. [...]. Por que era dois dias de sacrifício, Jesus estava morrendo, Jesus estava sofrendo por nós, então não podia judiar dos animais.

*Não podia ter nem judiamento. Então era dessa maneira, ne?! ”.
(Dona Maria Batista)*

Nas décadas de 70, 80 era costume da pessoa que ficou responsável pela festa sair pela comunidade a cavalo ou a pé com uma bandeira, de chácara em chácara pedindo prendas e contribuições para a realização da festa. Geralmente na festa já se elege a pessoa que será responsável pela próxima, aconteceu algumas vezes pessoas de fora da comunidade ficaram incumbidas pela festa, pois para realizar bastava demonstrar disponibilidade em organizar a festa.

Uma prática antiga nas festas era os leilões de produtos da comunidade, as pessoas voluntariavam-se em doar frango, leitoa, novilha, saco de arroz, saco de feijão, entre outras coisas, nos dias atuais isso ocorre com pouca frequência. Outra prática das festas que atualmente não acontece mais é a brincadeira das crianças e adolescentes sair pelas casas roubar galinhas, porcos e outros animais para comer no sábado de aleluia.

Senhor Bastião conta que é tradição fazer a fogueira de Santo Antônio ao lado da igreja, mas que o corpo de bombeiros em vistoria indicou mudar a fogueira para a Associação.

Para a Festa de Santo Antônio a comunidade se mobiliza para a confecção do Mastro de Santo

Antônio e durante a festa – marcada pelas rezas – os fiéis enfeitam o Mastro com retalhos de tecidos.

Cada pessoa trazia seu pedacinho de pano com sua agulha já pra ir no mastro de Santo Antônio lá e costurar o pano e largar lá, ah esse ano vou por vermelho, não vou por azul e já trazia e punha tudinho enfeitava e ali o pessoal tá rezando pra levanta o mastro e o povo enfeitando o mastro, quando a última pessoa acabava de enfeitar o mastro ai ele enfeitava e pegava um pedacinho de pano ali beijava e atravessava por baixo e ia pra lá e todo mundo que estava ali enquanto você não fazia tudo isso você não levantava o mastro. (Relato de dona Maria Batista).

Dona Maria Batista nos mostra o mastro que cuida e preserva na família, produzido por sua avó para as festas, utilizado nas festas ainda hoje:



19

¹⁹Dona Maria Batista com mastro que é utilizado ainda hoje nas Festas de Santo Antônio na comunidade.

²⁰Foto antiga da procissão da Festa de Santo Antônio. Foto cedida por Dona Maria Batista.





21



21



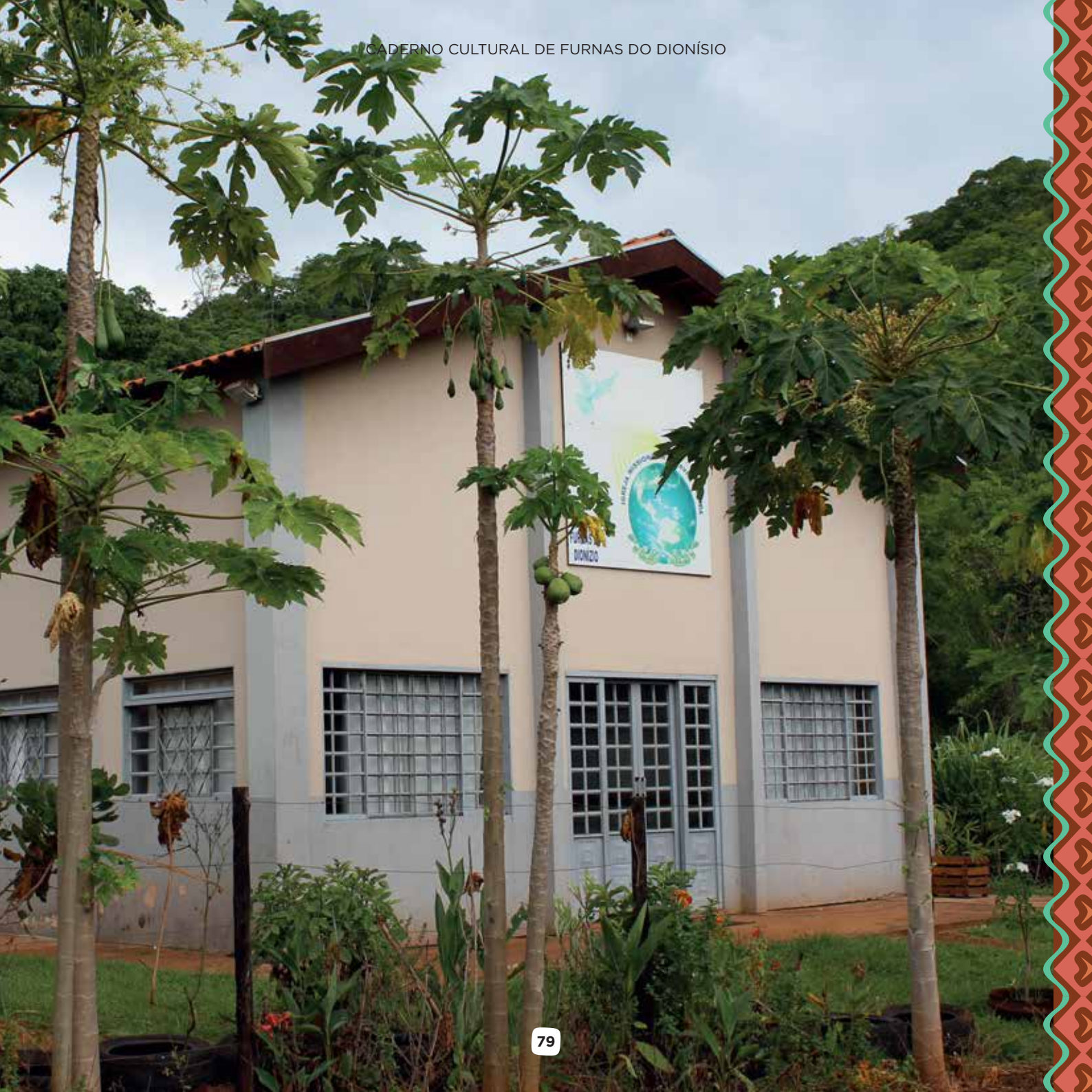
²¹Fotos atuais da Festa de Santo Antônio. Fotos cedida por Renata Damus (UFMS).

Dona Maria Batista conta como se dá as cantigas das excelências na festa de Santo Antônio e traz trechos em versos do ritual:

“De Santo Antônio a mamãe e o Davi que eu tava contando pra vocês do levantamento do mastro tinha a Martir Divina que era uma reza que você rezava pra começar a tirar o mastro de dentro da igreja pra fora e tinha a outra que eles cantava que era meu bom Jesus né pro pessoal beijar. Beija, mas beija no pé da santa cruz lá no céu lá chorava o coração de Jesus, ai a pessoa já vem de lá respondendo. Jesus prometeu quem haverá de salvar a todos os devotos a quem nas cruz beijar, então era assim você canta pra pessoa beijar e canta pra pessoa sair de dentro da igreja, pra ir pra fora você canta, a Martir Divina o irmão da minha mãe rezava. O martir divina hoje sento e choro aonde Deus deu vida senhora vó lhe adora, aí a Cida ali já sabe responder. Senhora vó lhe adora com muita grandeza Maria e Ana sirvam essa mesa, aí o pai da Nasci que era bom de voz né era bom no pandeiro já puxava de lá. Sirvam essa mesa Maria também eee leva

nós a glória para sempre amém eeee, leva nós a glória para sempre amém eeee, era assim, então é o que eu falo nós tudo criamos dessa maneira com isso ai e hoje a pessoa aaaah porque que num faz porque num qué, porque nós sabe, nós crescemos dentro disso ai, nós crescemos ali né e hoje pra pôr o mastro lá dentro da igreja o mastro de Santo Antônio já tem o buraco bem ali óh, lá tá o buraco, lá tá o poste e já entorta o pau e já levanta a Deus e vai embora e antigamente não, antigamente fincava o mastro de Santo Antônio lá encima daquele despejo da casa do Sebastião, lá naquele poste de luz lá óh, daqui saía o mastro o pessoal andando, um largava e outro pegava até chegar lá no mastro lá sabe [...]”.

Era costume na semana santa cobrir os santos com pano preto, o zelo e cuidado é uma marca da festa.



Dona Maria Batista e Cida contam ainda que há, mas que está se perdendo o costume de se cantar em velórios, que são chamados de “Excelência”, um tipo de reza cantada em forma de perguntas e respostas, sendo que uma pessoa pergunta e as demais respondem. Nos velórios de antigamente eram cantadas as excelências e terços a noite toda.

Segundo elas tem a Excelência do Galo, a Excelência do Pequeninho, Excelência do Meu Senhor Deus e a Excelência de São Sebastião “que é uma excelência que pede a todo povo a fé meu irmão” (Relato de dona Maria Batista). A igreja evangélica adentrou a comunidade Furnas do Dionísio na década de 80, a primeira a se estabelecer foi da denominação “Assembleia de Deus”, posteriormente estabeleceu-se a igreja evangélica denominada “Missionária Palavra da Vida”.

A religiosidade é considerada um traço marcante de Furnas de Dionísio: [...] Igualmente importante é o culto aos mortos, o culto aos antepassados, que faz dos cemitérios um lugar sagrado, o lugar onde as cruzes marcam seus assentamentos. [...] A crença fundamental é de

que os mortos, depois de uma passagem, “se transformam em espíritos, identidades sobrenaturais que devem ser cuidadas pelos vivos”. (O'DWYER, 2002, p.33).⁶

Percebe-se que a religiosidade movimenta a comunidade tanto em momentos alegres, festejos quanto em momentos tristes, de despedidas.



⁶ O'DWYER, Eliane Cantarino. Introdução. In: Quilombos: Identidade Étnica e Territorialidade. Eliane Cantarino O'Dwyer (organizadora). Rio de Janeiro. Editora da Fundação Getúlio Vargas/ Associação Brasileira de Antropologia (Co-editora), p. 13-42, 2002.



MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DE FURNAS DO DIONÍSIO



Comidas Típicas

A culinária é uma forma da humanidade expressar sua relação com a cultura e com o seu território ao trazer elementos próprios, característicos de determinadas regiões do país e do mundo.

A transformação dos alimentos em comidas transcorre um longo caminho até chegar às mesas, aos lares das pessoas, o que representa a união de muitos fatores. O modo como se prepara tal alimento, desde a sua relação com determinados tipos de temperos e produtos, fazem parte desse processo.

O clima e o território são fundamentais e estão diretamente ligados com a história de um povo ou grupo social. São esses elementos que produzem regionalidades e determinadas características marcam esses grupos com suas inúmeras tradições.

É também por meio da comida, que os grupos se reconectam com suas tradições passadas, relembram histórias e ressignificam os costumes e hábitos ao rememorar antigos comportamentos. A culinária une, transmite e alimenta as pessoas no mundo todo. As comidas típicas produzem certa identidade e na comunidade de “Furnas do Dionísio” não é diferente. A comunidade de “Furnas do Dionísio”, conhecida por suas belezas naturais, tais como: as cachoeiras, trilhas, morros e o pôr do sol de perder a vista, também é marcada por suas comidas típicas – que remete e escreve a história da comunidade.

Dona Ana Batista dos Santos, já falecida, foi o

exemplo de uma pessoa que marcou a história da comunidade pelas mãos de fada, a “cacique” da cozinha, como era conhecida. Ela era responsável por cuidar das comidas dos principais festejos ocorridos em “Furnas do Dionísio”, relembra, sua filha, Maria Batista.

Reconhecida na comunidade, pelos seus dotes culinários, entre as suas especialidades: figurava-se pratos doces e/ou salgadas. Pensando nisso, selecionamos abaixo algumas dessas comidas típicas que compõe a história da comunidade.

Uma tradição que se fez muito presente em Furnas do Dionísio foi a utilização de latas como forma de armazenar carnes e embutidos, já que até meados da década de 1990 não havia eletricidade na comunidade.

A culinária fortemente influenciada pelo consumo de carne bovina, suína e aves, como o frango, estão presentes em receitas tais como: a carne cheia e/ou recheada; almondega; linguiça caseira. Todas as carnes eram fritas e guardadas em latas com banha para garantir o seu armazenamento e não estragarem, além de preservar um tempero todo especial. O frango com guariroba, com macarrão também fizeram parte dos dias de festas: almoços e jantares da comunidade.

Dona Maria Batista explicou nos que a “carne cheia” é uma receita de carne recheada com toucinho e carne de porco bem temperadas, costura-se a ponta para não vazarem, frita e está



pronta para servir de preferência em fatias finas. Para a fabricação da receita utiliza se geralmente o corte contrafilé ou outros cortes do quarto da vaca.

Já as receitas doces, além da famosa rapadura: de leite, coco, mamão, amendoim, massa, banana, abóbora; o melado de cana; o bolo de goma; os doces de leite, mamão e 4 doces são característicos, como também, o bolo de mandioca, a brevidade e quebrador, biscoitos a base de polvilho doce; o fubá de milho saboró, um típico milho branco levemente com sabor adocicado, são exemplos de receitas tradicionais da comunidade.

Nham!!! Ficou curioso e quer aprender mais sobre algumas dessas delícias? Abaixo você encontrará a receita do tradicional Bolo de Goma.

Bolo de Goma

Ingredientes

2 xícaras de goma
 2 ovos
 2 xícaras de leite
 1/2 xícara de óleo
 1 colher de café/ de fermento
 1 colher de café/ sal

Modo de Preparo

Ferva o leite com óleo, pegue a goma ponha o

sal e o fermento e escalde com o leite e o óleo. Bata as claras em neve, misture as gemas e a goma já escaçada. Asse em fôrma untada com manteiga e trigo. Leve ao forno por 40 minutos ou até doure.

Ou, se preferir você pode seguir o modo de preparo da Dona Maria Batista:

“Você coloca um prato de água e um prato de óleo ferver, ai você coloca um prato de polvilho na bacia, ferveu a água você põe o sal, uma colher de sal, cada prato é uma colher de sal, ferveu você vai pondo aquele polvilho e vai mexer até cozinhar tudinho, ele esfriou você vai pondo o ovo até ele ficar no ponto, ele não pode ficar mole e nem duro tem que ficar um ponto que você vai riscar ele na forma. Você põe dentro de um saco plástico, de primeiro a gente fazia com um saco de pano” (BATISTA, M. PROTAGONISTAS DESTA HISTÓRIA. Furnas do Dionísio: Dezembro/2018).

Essas são algumas das principais comidas típicas presentes na história da comunidade de Furnas do Dionísio. São receitas que trazem, a memória e o afeto.



MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DE FURNAS DO DIONÍSIO



Produção da Rapadura

A Comunidade de Furnas do Dionísio rica pelas suas belezas naturais e reconhecida desde 2005 como Comunidade Remanescente Quilombola, tem no extrativismo sua principal fonte de renda.

O manejo com a cana-de-açúcar faz parte da história da comunidade desde sua fundação. A utilização de tração animal para moer cana foi uma das primeiras formas de trato com a plantação. Ao passar dos anos, a tração animal foi substituída pela utilização do engenho.

Com o advento da tecnologia e das parcerias governamentais e privadas, o processo na fabricação dos derivados da cana-de-açúcar foram se sofisticando, tais como: o tempo de corte, a multiplicidade de cana usada, a utilização de pesticidas contra pragas, são elementos que contribuem para a qualidade dos produtos, como açúcar mascavo, rapadura e melado, por exemplo.

Na atualidade a produção de rapadura alcança novos patamares se antes, era para consumo e comercialização na região, agora, com as parcerias público-privado, a produção cresceu. Segundo, os dados da Assistência Técnica e Gerencial, que os pequenos produtores produzam em média cerca de 400 unidades por dia de rapadura.

O que afetará diretamente na sua distribuição e comercialização. Ainda mais, com a identificação por meio do Selo de qualidade

reconhecido pela (SIPAF) em 2018.

A tradição da produção da rapadura é marca registrada da Comunidade, tanto que, desde de 2011 ocorre no segundo domingo do mês de agosto a famosa e consolidada “Festa da Rapadura - Fest Folclore da Rapadura de Furnas do Dionísio” reconhecida como patrimônio histórico e cultural de Mato Grosso do Sul em 2016.

Para se ter uma ideia a rapadura, marca registrada na história da comunidade, faz com que o seu consumo seja diário e se estenda por todo a região. A presença de consumidores na Associação ou nas casas dos(as) moradores da comunidade aquecem o comércio local e influência na vida de cada um.

O ofício do manejo com a cana-de-açúcar desde seu plantio, cultivo e transformação é passado de geração a geração, o que influencia fortemente a história e o reconhecimento dos costumes e tradições da comunidade. Uma de suas moradoras, Dona Maria Luzia Antônio Martins é o exemplo vivo de preservar as tradições. A produção do melado, rapadura e garapa foram ensinados por sua mãe a ela, e ela transmitiu esses aprendizados aos filhos.

Durante a produção da rapadura, que por sua vez, pode ter qualquer tipo de sabor: leite, coco, amendoim, abobora, mamão, etc... é o que garante o sustento de várias famílias da comunidade. Além do ensinamento passado de

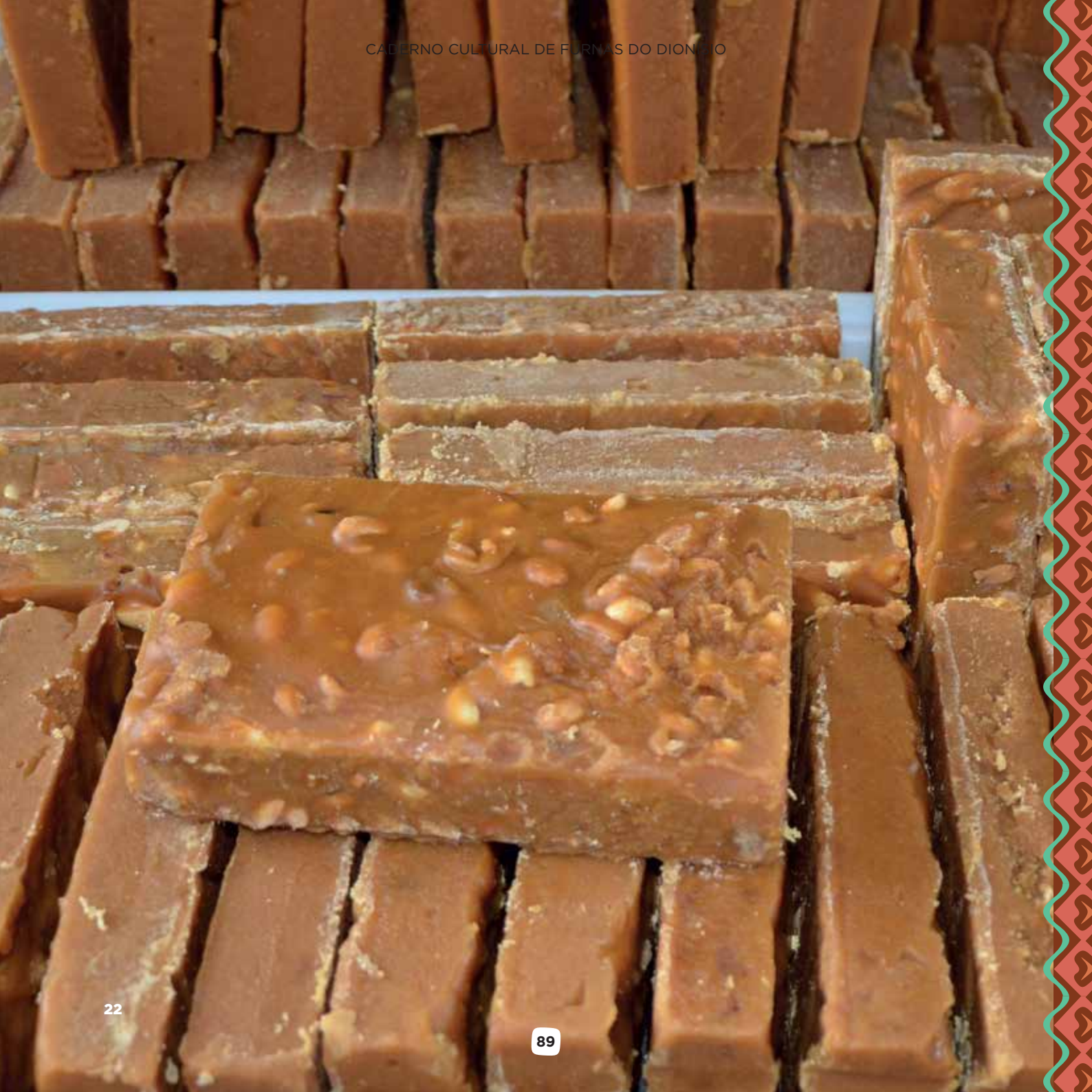


pais para filhos, a produção de 20 litros de leite, pode vir a render até 13 peças de rapadura.

O modo de preparo da rapadura envolve uma série de etapa, conforme descrita logo abaixo: O primeiro passo é cortar a cana-de-açúcar e levar ao moedor para que a cana se transforme em uma garapa. Essa garapa será levada ao fogo alto, no fogão a lenha, de preferência preservando ainda mais os sabores e texturas. Em média, o preparo dura em torno de 5 horas. Voltando ao preparo, é importante durante a fervura dessa garapa, independente do sabor da rapadura, a retirada da espuma para que a rapadura não fique escura. Outra dica: é acrescentar o açúcar ou leite, vai depender do sabor da rapadura.

Em fogo alto, deverá mexer até que o líquido comece a endurecer, ponto em que a rapadura é retirada para não queimar, e levada a fôrma para finalização do processo. Após enformada, resfriada e embalada já pode ser comercializada. Mas, se você for um apaixonado por doces, e em uma de suas visitas a Furnas do Dionísio tiver o privilégio de acompanhar o passo a passo da produção, não espere pela rapadura embalada, vá direto ao tacho: raspar a panela te trará um sabor todo especial.

²²Rapaduras diversas produzidas em Furnas do Dionísio.



MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DE FURNAS DO DIONÍSIO



Festival da Rapadura

Furnas do Dionísio é conhecida por sua tradição na produção de derivados de cana de açúcar, desta forma com o objetivo de promover a produção a comunidade lançou a ideia do Festival da Rapadura.

O primeiro Festival da Rapadura aconteceu no ano de 2011, com o nome de 1º Folclore Fest da Rapadura de Furnas do Dionísio nos dias 13 e 14 de agosto. E desde então o festival vem acontecendo anualmente até os dias de hoje, apenas no ano de 2016 a festa da rapadura precisou ser cancelada em meio a ação devido ao falecimento do senhor Nilton, importante liderança, que já foi presidente da associação da comunidade em anos anteriores.

No início dos festivais a comunidade recebeu o apoio e ideias do prefeito de Jaraguari na época, Vaguinho, houve uma grande articulação e divulgação do festival da rapadura com outras comunidades quilombolas do estado, vieram pessoas das comunidades de Boa Sorte, Buriti, São Benedito, São João Batista, São Miguel, Pretos de Terenos, cidades de Corumbá, Itaporã, Figueirão, Camapuã.

O festival da Rapadura de Furnas do Dionísio - Folclore Fest tornou-se uma festa tradicional da comunidade e vem acontecendo sempre dentro do mês de agosto, aos fins de semana com programação de dois dias, com baile e churrasco. Com o objetivo de manter a tradição e apresentar aos convidados a identidade da

comunidade nos festivais sempre há o momento da dança do Engenho Novo pelas crianças e adolescentes da comunidade.

Além das rapaduras em tamanho padrão que são produzidas pelas pessoas da comunidade, acontece dentro do festival uma competição de produção e venda da maior rapadura, o senhor Sebastião Antônio Martins, mais conhecido como Bastião, nos contou que já ganhou a competição por duas vezes, a primeira com uma rapadura de leite de 10 quilos e na segunda uma rapadura de amendoim de 10 quilos.

Não esqueçam de programar em sua agenda a visita ao Festival da Rapadura de Furnas do Dionísio no mês de agosto. Prestigiem e deliciem-se com as guloseimas e diversões dessa festa.

²³Acima rapaduras e farinha produzidas na comunidade Furnas do Dionísio. Abaixo foto do 5º Festival de Rapadura de Furnas do Dionísio.




23

23





A black and white photograph of a rural landscape. In the foreground, a cow is partially visible behind a wire fence. To the left, the rear of a horse is also visible. The background shows a dirt path, scattered rocks, and a line of trees. The text is overlaid on the image.

Capítulo 3

ASSOCIAÇÃO DE PEQUENOS PRODUTORES DE FURNAS DO DIONÍSIO

ASSOCIAÇÃO DE PEQUENOS PRODUTORES RURAIS DE FURNAS DO DIONÍSIO

Pequenos Produtores Rurais



Fundada em 1990, a Associação de Pequenos Produtores Rurais da Comunidade de Furnas do Dionísio reconhecida desde 2018 pela qualidade de seus produtos, da qual, é uma das formas de subsistência de pouco mais de suas 96 famílias que ali habitam com a comercialização de hortaliças, compotas, farinha e a famosa rapadura.

Além das mercadorias que são diariamente fabricadas pelas famílias e comercializadas. Vale a pena conhecer a história do que hoje representa a materialização desse espaço no centro da comunidade.

A associação surgiu a partir da necessidade em angariar recursos e projetos para a comunidade, e a ideia da associação tomou forma dentro de uma festa ocorrida no ano de 1988. Abaixo foto do convite da festa no salão onde hoje está localizada a associação da comunidade:

Desde sua fundação a Associação de Pequenos Produtores Rurais já foi presidida por homens, moradores da comunidade. E, em 2009, teve uma mulher, Cida como presidente da Associação, permanecendo por 3 mandatos. Atualmente, em 2019, a Associação é presidida pelo senhor Nilson Abadio Martins.

Ao longo de todo esse período foram inúmeras as dificuldades, mas, também, os ganhos com a criação da Associação, como por exemplo, em 2002 com o recebimento da declaração de utilidade pública, em 2005 com o registro no

Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica - CNPJ, além das iniciativas entre os setores públicos e privados que estão alavancando não apenas o aumento na produção, mas investindo em qualidade de reconhecimento da comunidade. A partir de agora são comercializadas hortaliças, compotas de diferentes doces, farinha de mandioca e polvilho, além da tradicional rapadura de leite, castanha de baru, macaúba e pupunha, entre outros, com o “Selo da Identificação da Participação da Agricultura Familiar - SIPAF” (2018). A iniciativa é resultado da ação da Secretaria de Estado de Meio Ambiente, Desenvolvimento Econômico, Produção e Agricultura Familiar (SEMAGRO), vinculada a Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural (AGRAER).


A Certificação concedida pela Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário (SEAD) tem validade de 05 anos, podendo ser renovada, vem contribuindo com o objetivo de maximizar e impulsionar ainda mais a disseminação dos produtos oriundos da comunidade a mesa dos campo-grandenses e região.

Os produtos de verduras e hortaliças chegam nos lares por meio da comercialização na Central de Abastecimento de Mato Grosso do Sul (CEASA). Mais uma novidade é a dispensação dos produtos nas escolas da comunidade pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar

(PNAE) são alimentos que integram a merenda escolar dos alunos e alunas da comunidade. Apesar do reconhecimento desde 2005 pela Fundação Cultural Palmares à Furnas do Dionísio como Comunidade Remanescente de Quilombo, a Comunidade de Furnas do Dionísio e a Associação de Pequenos Produtores Rurais de Furnas do Dionísio almejam o reconhecimento da Certificação “Quilombos do Brasil” emitido pela Secretaria Nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, atualmente, vinculada ao Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. A certificação representa o reconhecimento de práticas de sustentabilidade, responsabilidade socioambiental aliada a valorização da cultural local e regional no manejo com a terra e na fabricação dos produtos. Ficou curioso e quer conhecer a Associação de Pequenos Produtores Rurais de Furnas do Dionísio e suas iguarias? É fácil, a comunidade está a aproximadamente 45 Km ao norte de Campo Grande, MS. O acesso é pela MS10, direção UCDB/Rochedinho.







Capítulo 4

O QUE FAZER EM FURNAS DO DIONÍSIO?

O QUE FAZER EM FURNAS DO DIONÍSIO?

Cachoeiras

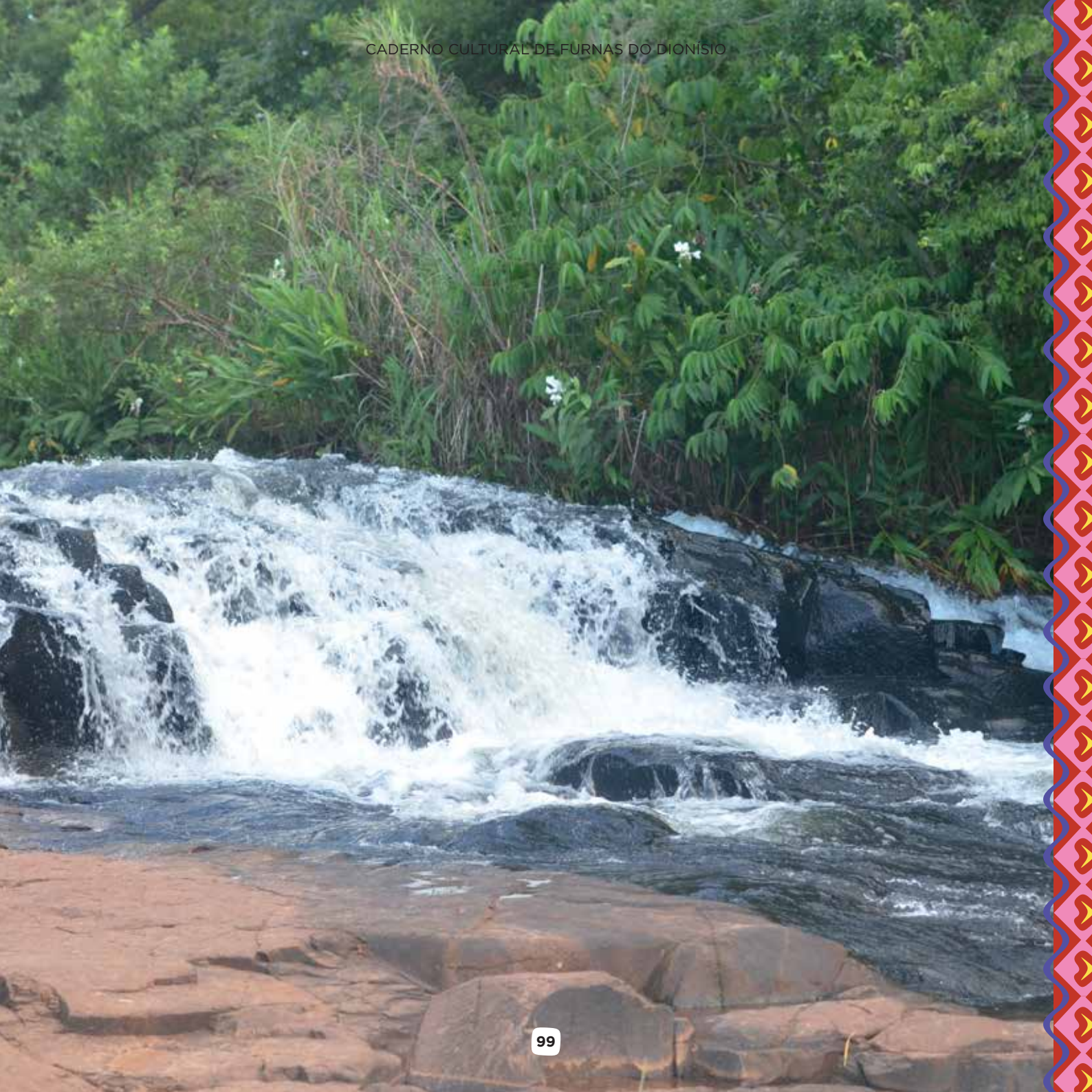
Furnas do Dionísio é conhecida por suas belezas naturais exuberantes e paisagens maravilhosas, conforme a divulgação a respeito da comunidade avança nas redes sociais a procura tem aumentado cada dia mais. Principalmente aos fins de semana a procura pelas águas refrescantes das cachoeiras da comunidade é grande.

Cinco córregos cortam Furnas do Dionísio: Riberão Pombal, Lageadinho, Gruta Pulador, Boa Vista e Taboquinha. Os córregos de Furnas são parte da sub-bacia hidrológica do Rio Jatobá, afluente esquerdo do rio Aquidauana, e faz parte da bacia do Paraguai.

A cachoeira mais frequentada na comunidade encontra-se no córrego Pombal, a comunidade organizou no local um estacionamento e é possível deixar os transportes lá por meio de uma ajuda de custo. Devido à grande movimentação aos fins de semana a comunidade estabeleceu algumas regras:

Existem outras cachoeiras no território da comunidade e é possível acessá-las através das Trilhas do “Altos do Quilombo”, para isso é necessário agendar previamente a visita com o guia Osvair.





O QUE FAZER EM FURNAS DO DIONÍSIO?

Trilhas “Altos do Quilombo” em Furnas do Dionísio

A trilha pela comunidade existe há 20 anos, e as visitas intensificaram-se por volta do ano de 2013 com a chegada de campeonatos de bike, maratonas e motocross. Osvaldo Barbosa da Silva contou que a ideia surgiu em meio a conversas com parentes que realizaram trilhas no estado de Minas Gerais, com indicação de seguir trilheiros que os gados já faziam pela comunidade.

Há disponível 14 roteiros de trilhas pela comunidade, com diferentes níveis de dificuldade, que podem acontecer de terça a domingo mediante agendamento, mas com maior procura aos fins de semana. Osvaldo é o guia turístico e em meio a caminhada conta a história e cotidiano de sua comunidade quilombola com muito orgulho, o passeio cultural é parte da programação da trilha. O local de partida acontece na Chácara Beira Serra, local em que reside, ao final é servido almoço feito por sua mãe com alimentos colhidos na comunidade e cozidos no fogo a lenha, com possibilidade de pratos variados. Em meio as entradas e trilheiros feitos pelo gado o contato com a natureza e contemplação das belezas naturais é garantido, dependendo do roteiro escolhido é possível banhar-se nas cachoeiras dentro da comunidade.

Além do agendamento diretamente com Osvaldo é possível fazer trilha em Furnas do Dionísio a partir de iniciativa de grupos turísticos como



“Sopa de Pedra” e “Trilha Extrema turismo e aventuras” que programam eventos e divulgam nas redes sociais.



24

²⁴Marcação em meio a trilhas em Furnas do Dionísio.



25



²⁵Trilhas Altos do Quilombo - subida nos morros.

O QUE FAZER EM FURNAS DO DIONÍSIO?

Almoço e produtos na Associação

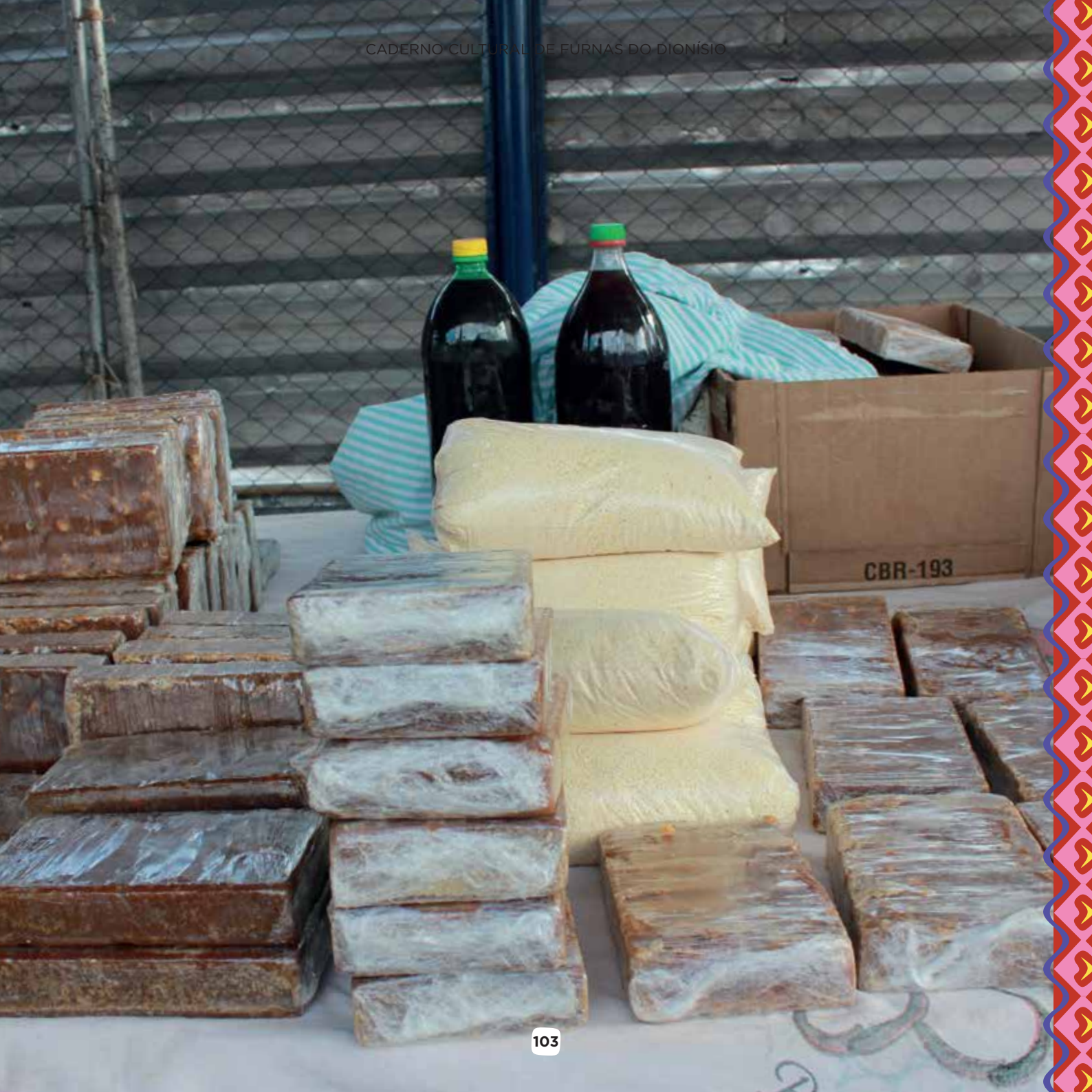
Na sede da Associação de Pequenos Produtores Rurais de Furnas do Dionísio é servido almoço aos domingos com cardápios locais, composto por exemplo com, arroz com frango, frango com gueroba, entre outros pratos típicos conforme o menu do dia, produzidos nos fogões a lenha e tachos.

Fica disponível na sede da associação para venda alimentos produzidos pelas pessoas da comunidade quilombola, tais como farinha de mandioca; banha; castanha de baru; melado; açúcar mascavo; legumes, verduras e frutas diversas da época, compota de doce de leite; mel; e uma grande variedade de rapaduras, tais como pura de cana-de açúcar, com leite, com amendoim, com canela, com banana, com coco, com abóbora, com cenoura, geleia de mocotó, com massa de mamão e com laranja.


Além das possibilidades citadas aqui a Festa da Rapadura que acontece anualmente tem grande destaque na movimentação turística e divulgação da comunidade. A festa acontece geralmente no mês de agosto.

²⁶Melado comercializado na Associação de Pequenos Produtores Rurais de Furnas do Dionísio.









Capítulo 5

DIÁLOGOS COM A COMUNIDADE QUILOMBOLA DE FURNAS DO DIONÍSIO

DIÁLOGOS COM A COMUNIDADE QUILOMBOLA FURNAS DO DIONÍSIO



Diálogos

Os “Diálogos com a comunidade” aconteceram a partir do projeto “Protagonistas desta História” executado pelo IBISS|CO junto com adolescentes estudantes da Escola Estadual Zumbi dos Palmares. Dentre as atividades do projeto uma delas consistiu na realização de entrevistas com pessoas que são referência na salvaguarda da história da Comunidade Quilombola Furnas do Dionísio.

A primeira pessoa com a qual proseamos foi a autora do livro “Flor do Quilombo - Lendas e Narrativas de Furnas do Dionísio” Sirlene Jacquie de Paula Silva. Nascida em 13 de junho de 1977, Jacquie como é mais conhecida foi entrevistada pelos alunos dos 8º e 9º anos da Escola Estadual Zumbi dos Palmares da Comunidade Quilombola de Furnas do Dionísio. A partir da leitura de capítulos do livro “Flor do Quilombo” os(as) alunos(as) elaboraram perguntas para Jacquie que ajudaram a compor este texto.

“Flor do Quilombo” foi publicado em 2004 pela editora Letra Livre e é dedicado à memória do professor Osnei Barbosa da Silva e aos filhos de Jacquie e de Osnei: Kimberly e Kaique. O livro foi uma forma de homenagear o finado companheiro de Jacquie que além de professor também foi diretor da escola Zumbi dos Palmares. O livro inspirado na história e nas estórias da comunidade traz de maneira leve e lúdica um pouco do que podemos encontrar em Furnas do Dionísio. O motivo que levou

Jacquie a escrever “Flor do Quilombo foi por que muitas pessoas da comunidade estavam falecendo sem que se pudesse registrar de alguma forma suas memórias como, por exemplo, do Tio Sebastião que já faleceu, mas que está com as suas histórias eternizadas em “Flor do Quilombo”.

Além disso, Jacquie narra detalhes históricos da fundação e da vida na comunidade quilombola criada por Dionísio Antônio Vieira, negro, ex-escravo que trouxe sua família de Salinas, norte de Minas Gerais. São contadas as histórias e estórias que circulam e fazem Furnas do Dionísio, Furnas do Dionísio!

A segunda pessoa entrevistada foi a dona Maria do Bar - esposa do saudoso seu Milton. A família é proprietária do bar que fica em frente à Escola Estadual Zumbi dos Palmares e da Associação de Pequenos Produtores Rurais da Comunidade Quilombola de Furnas do Dionísio. Dona Maria e seu filho Júlio são os responsáveis pela produção e comercialização de produtos derivados da cana-de-açúcar: rapadura e melado; além da farinha de mandioca. Seu Milton foi responsável, até o seu falecimento, pela organização da Festa da Rapadura na comunidade, produto que se consagrou como marca da comunidade.

Em meio à produção da rapadura de leite - a qualidade de rapadura mais vendida na comunidade - dona Maria respondeu às



Flor do Quilombo

Textos e Ilustrações de Furnas do Dionísio

Sirlene Jacque de Paula Silva



REDE
ESTADUAL DE EN



perguntas elaboradas pelos(as) adolescentes da Zumbi dos Palmares. Antes da reunião com os(as) adolescentes, dona Maria e seu filho Júlio iniciaram a produção, acendendo o fogo e colocando no tacho a garapa e o leite (produtos necessário para a feitura da rapadura de leite). Dona Maria relatou o passo-a-passo, o tempo e o modo do preparo enquanto mexia a mistura ao fogo. Ela relatou que aprendeu a produzir rapadura com sua mãe, ainda menina.

Ao final do preparo, Júlio retirou o tacho do fogo e colocou nas formas a mistura para que esfriasse no formato retangular. Houve o momento de “raspar” o tacho e a distribuição de colheres recheadas com a mistura da rapadura recém retirada do fogo, para deleite das pessoas presentes.

A produção de rapadura feita pelos(as) moradores(as) de Furnas do Dionísio é colocada à venda na Associação ou vendidas individualmente.

Dona Maria Batista foi a terceira pessoa com a qual a equipe do IBISS|CO e os(as) estudantes da Zumbi dos Palmares conversaram. Ela trouxe um relato sobre o presente, passado e, por que não, o futuro de Furnas do Dionísio. Contou muitas histórias que viveu junto com a sua mãe e que ouviu “dos mais velhos” – como ela se refere às pessoas mais idosas ou anciões.

Sobre o modo de vida em Furnas do Dionísio, o cuidado com a terra, por exemplo, ela disse:

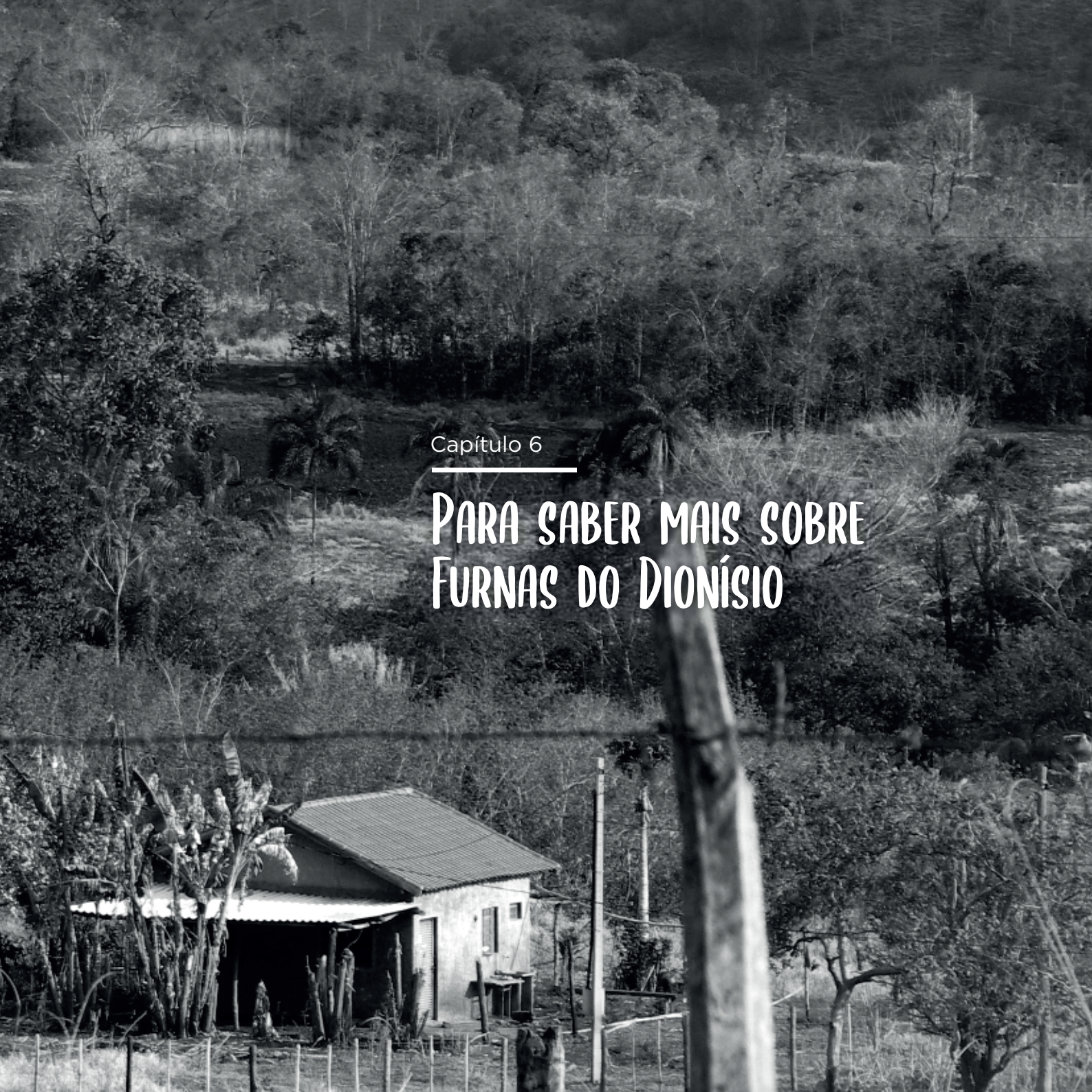
“Antigamente a minha mãe contava que na lavoura deles fazia derrubada, queimava. Derrubava no mês de agosto, queimava agora em setembro e plantava o milho. Da madeira que eles derrubavam punha fogo, o milho dava, eles assavam o milho na roça para comer, do fogo que dava naquela madeira”. (Relato de dona Maria Batista).

Sobre brincadeiras de antigamente Dona Maria Batista contou do que eram:

Era assim, boneco que nós brincava era o quê, você pegava um sabugo de milho, ia lá para o mato e pegava uma folha que tem molinha, arrumava aquela bonequinha ali de palha de milho, do sabugo do milho. Eu não sabia o que era uma boneca para você brincar. Ninguém sabia o que era boneca, você fazia boneca de sabugo de milho” (Relato dona Maria Batista).

Esses relatos foram coletados entre os meses de março e dezembro de 2018 e colaboram para a construção deste material, bem como para o registro de memórias garimpadas dessas pessoas apontadas como referência na comunidade.





Capítulo 6

PARA SABER MAIS SOBRE FURNAS DO DIONÍSIO

PARA SABER MAIS SOBRE FURNAS DO DIONÍSIO



Comunidade Quilombola

Quem tiver curiosidade em saber mais sobre a Comunidade Quilombola Furnas do Dionísio listamos publicações que falam da comunidade na perspectiva de outros olhares.

Buscamos nos seguintes lugares: Periódicos Capes, Scielo, Arca, Lilacs, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, Microsoft Academic Search e Google Acadêmico.

Separamos em duas partes: a primeira são pesquisas realizadas na Comunidade Quilombola de Furnas do Dionísio e a segunda parte são de pesquisas sobre comunidades quilombolas do estado de Mato Grosso do Sul e de outras regiões do Brasil.

Furnas do Dionísio:

AVELLAR, Antonielly; OLARTE, Cibelle; EMANUELLE, Kárita. Furnas: a história dos filhos deste solo. 2007. 110 p. TCC (Graduação em comunicação social - jornalismo) - (Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2007. (sem pdf)

ASSUNÇÃO, Vivian et al. Manual Ilustrado da vegetação em Furnas do Dionísio, Jaraguari, Mato Grosso do Sul, 2014.

BALDO, Ana Cláudia Sacchi. Territorialidade Quilombola e estratégias de resistência camponesa na agricultura familiar da

Comunidade de Furnas do Dionísio/Jaraguari-MS. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Rondonópolis/MT, DEZEMBRO 2015.

BANDEIRA, Maria de Lourdes & SODRÉ, Triana de Veneza. Furnas de Dionísio (MS). In: Quilombos: Identidade Étnica e Territorialidade. Eliane Catarino O'Dwyer (organizadora). Rio de Janeiro. Editora da Fundação Getúlio Vargas/ Associação Brasileira de Antropologia (Co-editora), p. 217-253, 2002.

BARDELLA, Alana; GOMES, Nataniel dos Santos; CHAVES, Aline Saddi. O ensino de língua inglesa através do uso de tirinhas na comunidade quilombola Furnas do Dionísio em Jaraguari/MS. I SEDIA - Seminário de Dissertação em Andamento (UEMS), 2018.

BARROS, Luiz Eduardo Pinto. O processo histórico dos quilombos e o caso de Furnas de Dionísio. Revista IDEAS, v. 5, n. 1, p. 274-291, 2011.

CHAGAS, Márcia Cristina Correia et al. A prática de benzimento com uso de plantas na comunidade rural remanescente de quilombo de Furnas do Dionísio, Jaraguari, Mato Grosso do Sul. Multitemas. Campo Grande-MS, n. 35, p.

207-224, dez. 2007.

CRUZ, Arthur Duarte F. C.; OLIVEIRA, Paola Carvalho S.; BATISTON, Adriane Pires. Vivências nos territórios: uma experiência de integração ensino-comunidade. Cadernos de Educação, Saúde e Fisioterapia. V.3, n.6 (2016): Suplemento: Anais do XXVI Fórum Nacional de Ensino em Fisioterapia e III Congresso Brasileiro de Educação em Fisioterapia. p.127.

FONSECA, Luzimeire Aparecida Ferreira da; SANTOS, Renilda Ferreira dos; DIACÓPULOS, Roselei Barbosa Silva; FERNANDES, Sandra Regina de Jesus. A educação do negro no Brasil: uma análise a partir da comunidade Furnas do Dionísio. Campo Grande, MS, 2205. 49 p. Monografia (Pedagogia - administração e supervisão escolar) (sem pdf)

FRANCISCHINI, Ariane Wust de Freitas; BARROS, Adriana Lúcia de Escobar Chaves. Atividades de retextualização a partir do gênero discursivo memórias: proposta de trabalho em uma escola da comunidade remanescente quilombola de Furnas do Dionísio. Traços de Linguagem, Cáceres, v.1, n. 1, p. 57-66, 2017.

FRANCISCHINI, Ariane Wust de Freitas; BARROS, Adriana Lúcia de Escolbar Chaves de.

Histórias, fronteiras e narrativas de memórias: aspectos que contribuíram para a formação das comunidades quilombolas no estado de Mato Grosso do Sul. IV Seminário Internacional América Platina, I Colóquio Unbral de Estudos Fronteiriços, 2016.

GIBRAN, Tatiana Motti. Qualidade de vida e estética bucal na comunidade remanescente de quilombo de furnas do Dionísio, Mato Grosso do Sul. 2006. 141 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica Dom Bosco, 2006.

JUNGES, Ilse Elizabet Dubiela; ALMEIDA, Maria Cristina. Georreferenciamento fotográfico no quilombo furnas do Dionísio. Campo Grande, MS, 2005. 61 p. Especialização - Universidade Católica Dom Bosco. (sem pdf)

LIMA, Priscila de Moraes; ANDRINO, Ariadne Barros; MAGALHÃES FILHO, Fernando Jorge Corrêa. Alternativas para o manejo de resíduos sólidos em Comunidades Quilombolas: estudo de caso nas comunidade Tia Eva e Furnas do Dionísio. XII SIBESA - Simpósio Ítalo-Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental, 2014.

MARTINS Mariana Furquim da Silva et al. (2018) Serological and molecular inquiry of Chagas disease in an Afro-descendant settlement in Mato Grosso do Sul State, Brazil. PLoS ONE

13(1): e0189448. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0189448>

NASCIMENTO, Heloísa Assumpção. O manuscrito: fuma encantada. São Paulo, SP: Clube do Livro, 1970. 157 p. (Biblioteca Pública Municipal de São Bernardo do Campo).

O'DWYER, Eliane Cantarino. Quilombos: identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro: FGV, 2002. 268p. (introdução. p. 13-42)

OLIVEIRA, Anelize Martins de; MARINHO, Marcelo. Comunidade quilombola de Furnas do Dionísio: aspectos relacionais entre cultura, turismo e desenvolvimento local. In: Turismo de Base Comunitária diversidade de olhares e experiências brasileiras. Roberto Bartholo, Davis Gruber Sansolo, Ivan Bursztyn (org.) - Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. (sem pdf)

OLIVEIRA, Anelize Martins de, MARINHO, M. Comunidade Quilombola Furnas do Dionísio: Manifestações Culturais, Turismo e Desenvolvimento Local. Caderno Virtual de Turismo, nº 15. Rio de Janeiro, 2005.

OLIVEIRA, Anelize Martins. Cultura, turismo e desenvolvimento local: potencialidade e perspectiva na comunidade de Furnas do Dionísio. Universidade Católica Dom Bosco:

Campo Grande, MS, 2004. 120 p. [Dissertação de Mestrado apresentado no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local].

OLIVEIRA, Anelize Martins de; CUNHA, Juscilene Rodrigues; LOUREIRO, Maria Bernadete Siqueira. A atividade turística na Comunidade de Furnas dos Dionísios. Multitemas, n. 29, dez. 2002, pp. 7-17.

OLIVEIRA, Jackeline Maria Zani Pinto da Silva. Análise da vulnerabilidade ambiental de Furnas dos Dionísios-MS, através de um sistema de informação geográfica e sensoriamento remoto. Campo Grande-MS, novembro de 2005. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Programa de pós-graduação em Tecnologias Ambientais. Disponível em: <<http://repositorio.ufms.br:8080/jspui/handle/123456789/1490>>

OLIVEIRA, Nire Aparecida Colman; MARTINS, Cid Isidoro Demarco (Orientador). Análise dos obstáculos ao desenvolvimento na comunidade furnas do Dionísio (Jaraguari/MS). Campo Grande, MS, 2002. 46 p. Monografia (Economia) (sem pdf)

PAULETTI, Márcia da Silva; SILVA, Medson Janer da (Orientador). Agricultura familiar de furnas do Dionísio perspectivas de desenvolvimento local. Campo Grande, MS, 2003. 55 p. (sem pdf)

PEROGIL, Daiana. Uma análise do programa Brasil Quilombola na Comunidade Furnas do Dionísio - Jaraguari/MS: Política de território e identidade. 225 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal da Grande Dourados, 2012.

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL. Secretaria de Estado de Desenvolvimento Agrário, da Produção, da Indústria, do Comércio e do Turismo (SEPROTUR). Plano de desenvolvimento integrado do turismo sustentável - PDITS/Polo Campo Grande e região versão final. Campo Grande, MS, janeiro, 2012.

RECH, Renata Giovana; MANFRÓI, José; MACIEL, Josemar de Campos. Agricultura familiar: anotações sobre a produção de alimentos e um meio de vida sustentável na territorialidade das Furnas do Dionísio (Jaraguari, MS). In: Economia criativa e desenvolvimento local. Organizadores Heitor Romero Marques, Michel Constantino - Campo Grande, MS: UCDB, 2017.

RODRIGUES, Aldírio Sérgio. A saúde ambiental numa perspectiva promotora dos Direitos Humanos na comunidade quilombola Furnas dos Dionísio, Jaraguari, MS - Brasil. XIV Congresso Internacional de Direitos Humanos,

2017.

SANTOS, Carlos Alexandre B. Plínio dos. Eva Maria de Jesus (tia Eva), Anuário Antropológico [Online], I | 2012, posto online no dia 01 Outubro 2013, consultado no dia 30 Setembro 2016. URL: <http://aa.revues.org/317>; DOI: 10.4000/aa.317

SILVA, Altair Luiz da; HARDOIM, Queila Maria; OLIVEIRA, Marcílio Cáceres. Potencial para produção agroecológica em comunidades quilombolas no estado de Mato Grosso do Sul. 4º Seminário de Agroecologia de Mato Grosso do Sul, 3º Encontro de Produtores Agroecológicos de MS, 2012.

SILVA, Juliana Cristina Ribeiro da. Furnas do Dionísio: Espaço, Turismo e Cultura. Monografia de conclusão de curso. Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS. 2007, 56p. (se pdf)

SILVA, Juliana Cristina Ribeiro da; MORETTI, Edvaldo César. Um breve relato da dinâmica cultural e da atividade turística em Furnas do Dionísio, Jaraguari - MS, uma comunidade negra rural. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina (USP), 2005.

SILVA, Wilker Solidade da; BRAZIL, Maria do Carmo. Famílias negras e formas de

resistência no período pós-abolição: o caso das comunidades remanescentes em Mato Grosso do Sul. Disponível em: <<http://www.do.ufgd.edu.br/mariabrazil/arquivos/docs/escravidao/RelFinalCWilker2006.pdf>>

SILVA, Sirlene Jacque de Paula. Flor do Quilombo: lendas e narrativas de Furnsa do Dionísio. Campo Grande, MS: Letra Livre, 2004. 95 p. ISBN 85-86399-17-5. (sem pdf)

SOUZA, Lauriene Seraguza O.; BRAZIL, Maria do Carmo. Linguagem, terra e poder em Mato Grosso do Sul - o caso das comunidades negras rurais (1888-206). Disponível em: <<http://www.do.ufgd.edu.br/mariabrazil/arquivos/docs/escravidao/PIVICLauriene.pdf>> Acesso em jan. de 2018.

UTA, Tsinduka Antônio Muana; ÁVILA, Vicente Fideles de (ORIENTADOR). Estudo de potencialidade e dificuldades na relação comunidade quilombola Furnas do Dionísio (município de Jaraguari - MS) versus desenvolvimento local. Campo Grande, MS, ucdb, 2007. 137 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, Mestrado em desenvolvimento local, 2007. (sem pdf)

VINHOLI JÚNIOR, Airton José e VARGAS, Icléia

Albuquerque de. Aproximações etnobiológicas no conhecimento sobre plantas medicinais: possibilidades para promoção do ensino em saúde. Interfaces da Educação, Paranaíba, v.6, n.17, p. 162-187, 2015.

VINHOLI JÚNIOR, Airton José e VARGAS, Icléia Albuquerque de. Plantas Mediciniais e Conhecimento Tradicional Quilombola: um diálogo com a educação ambiental. Revista Eletrônica das Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção Três Lagoas-MS, nº 12, ano 7, novembro 2010.

VINHOLI JÚNIOR, Airton José. Contribuições dos saberes sobre plantas medicinais para o ensino de botânica na escola da Comunidade Furnas do Dionísio - Jaraguari/MS. R. Labore Ens. Ci., Campo Grande, v. 1, n. 1, p. 137-138, 2016.

VINHOLI JÚNIOR, Airton José. Contribuições da teoria da aprendizagem significativa para a aprendizagem de conceitos em Botânica. Acta Scientiarum. Education, Maringpa v.33, n. 2, p. 281-288, 2011.

Outros:

AMORIM, Maise Mendonça; TOMAZI, Laize; SILVA, Robson Amaro Augusto da; GESTINARI, Raquel de Souza; FIGUEIREDO, Tiana Baqueiro.

Avaliação das condições habitacionais e de saúde da comunidade quilombola Boqueirão, Bahia, Brasil. *Biosci. J.*, Uberlândia, v. 29, n. 4, p. 1049-1057, July/Aug. 2013

BARROS, Edir Pina de. Quilombo ou kilombo? Disponível em: <<http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/1293864.pdf>>

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Estórias quilombolas. (Dourados e Amambai)

Brasil. Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde. Coletânea sobre as comunidades negras rurais Quilombolas de Mato Grosso do Sul. (3 exemplares em Campo Grande).

CASTRO, Ana Rita C. Motta; et al. Compliance with and response to hepatitis B vaccination in remaining quilombo communities in Central Brazil. *Cad. Saúde Pública*, v.25, n.4, p.738-742, abr. 2009.

CASTRO, Ana Rita C. Motta; et al. Molecular epidemiology of hepatitis B virus in an isolated Afro-Brazilian community. *Arch Virol.*, v.153, p.2197-2205, 2008. (sem pdf)

CHASIN, Ana Carolina da Matta. 20 anos de Regularização Fundiária de Territórios

Quilombolas: um balanço da implementação do direito à terra estabelecido pela Constituição Federal de 1988. *Revista Política Hoje*, vol. 18, n. 2, 2009.

FUNDAÇÃO NEOTRÓPICA DO BRASIL. Projeto Canaã: Turismo de base comunitária, agroecologia e educação ambiental. Relatório Executivo.

MAMEDE, Simone; BENITES, Maristela; SABINO, José; ALHO, José Rodrigues. Ecoturismo na região turística Caminho dos Ipês: conexões entre identidade biofílica e usufruto dos serviços ecossistêmicos. *Revista Brasileira de Ecoturismo*, São Paulo, v. 10, n. 4, nov 2017/jan 2018, pp. 938-957.

MATTOS, Hebe Maria. Novos quilombos. Metamorfoses étnicas e a difícil memória da escravidão no Brasil. Resenha O'DWYER, Eliane Cantarino (org.). *Quilombos. Identidade étnica e territorialidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, 268 p.

O'DWYER, Eliane Cantarino. Introdução. In: *Quilombos: Identidade Étnica e Territorialidade*. Eliane Catarino O'Dwyer (organizadora). Rio de Janeiro. Editora da Fundação Getúlio Vargas/ Associação Brasileira de Antropologia (Co-editora), p. 13-42, 2002.

OLIVEIRA, Anelize Martins de; JESUS, Djanires Lageando de. Territórios étnicos: narrativas de um processo participativo para o desenvolvimento da atividade turística. Revista de Cultura e Turismo, ano 04, nº 01, janeiro/2010.

RAMALHO, Alessandra Albuquerque. As comunidades remanescentes quilombolas no Roteiro da Missão Cruls: o (re)conhecer do território. Dissertação (mestrado), Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 225 f, 2015.

OLIVEIRA, Anelize Martins de. Planejamento participativo como instrumento de desenvolvimento turístico responsável. Caderno Virtual de Turismo, vol. 8, núm. 3, 2008, pp. 22-28. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

REIMÃO, Rubens. Sleep patterns and disorders in adults of the rural and isolated black community of Furnas do Dionísio, MS. Arq Neuropsiquiatr 2001;59(2-A):301-305

REIMÃO, Rubens et al. Sleep characteristics in children in the isolated rural african-brazilian descendant community of Furnas do Dionísio, State of Mato Grosso do Sul, Brazil. Arq. Neuropsiquiatr. 1999, 57 (3-A).

REIMÃO, Rubens, et al. Sleep habits in the first two years of life in African-Brazilian children in the rural community of Furnas do Dionísio. Revista Brasileira de Neurologia e Psiquiatria, vol.3, n.3, 1999, pp. 99-101. (sem pdf)

RIBEIRO, Priscila de Oliveira. Retratos da Comunidade Tia Eva. Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul (2 exemplares em Campo Grande).

RUSSEL, Nancy K. et al. HIV, syphilis and viral hepatitis among Latin American indigenous peoples and Afro-descendants: a systematic review. Rev Panam Salud Publica 43, 2019. Disponível em: <<https://scielosp.org/article/rpsp/2019.v43/e17/>>

SANA, Nágila Kelli Prado. Descrição sociolinguística da fala afrorural da Comunidade Quilombola “Tia Eva” de Campo Grande - MS e reflexo crioulo da Guiné Bissau.

SANTOS, Carlos Alexandre Barboza Plínio dos. FIÉIS DESCENDENTES: redes-irmandades na pós-abolição entre comunidades negras rurais sul-mato-grossenses. 477 fl. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Universidade de Brasília, 2010.

SANTOS, Lourival dos. POR UMA HISTÓRIA DO NEGRO NO SUL DO MATO GROSSO: história oral de quilombolas de Mato Grosso do Sul e a (re)invenção da tradição africana no cerrado brasileiro. CLIO: Revista de Pesquisa Histórica (Recife), ISSN: 2525-5649, n. 35, p. 239-259, jul-dez, 2017.

SANTOS, Lourival dos. Semeando ancestralidade em escolas quilombolas de Mato Grosso do Sul: como a historiografia pode responder aos desafios da cultura escolar? XXIX Simpósio de História Nacional - Contra os preconceitos: História e democracia, 2017

SARUWATARI, Yasmin Kashiwaguti; FARIAS, Andréa Asmus. Plano de gerenciamento de resíduos sólidos desenvolvido para um núcleo familiar da comunidade quilombola Dezidério Felipe de Oliveira - Dourados/MS. Interbio v.11 n.2, jul-dez, 2017 - ISSN 1981-3775, pp. 43-54.

SILVA, Wilker Solidade da; BRAZIL, Maria do Carmo. Famílias negras e formas de resistência no período pós-abolição: o caso das comunidades remanescentes em Mato Grosso do Sul. Disponível em: <<http://www.do.ufgd.edu.br/mariabrazil/arquivos/docs/escravidao/RelFinalCWilker2006.pdf>>

SOUZA, José Carlos; REIMÃO, Rubens.

Epidemiologia da insônia. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 9, n. 1, p. 3 - 7, 2004.

SPINDOLA, Arilma Maria de Almeida. A cultura da criança quilombola: leitura referenciada em estudo, relatos orais e imagens. 118 fl. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2008.

URGUIZA, Antonio Hilario Aguilera; SANTOS, Lourival dos. Regularização fundiária de comunidades quilombolas em Mato Grosso do Sul/Brazil 7 Braz. J. Pub. Pol'y 233 (2017).





Capítulo 7

IBISS | CO



IBISS | CO

Instituto Brasileiro de Inovações Pró-Sociedade Saudável do Centro Oeste - IBISS|CO



O Instituto Brasileiro de Inovações Pró-Sociedade Saudável do Centro Oeste - IBISS|CO é uma organização da sociedade civil de utilidade pública federal, sem fins lucrativos, de pesquisa, estudo, promoção e defesa dos direitos humanos. Criado em 1993, tornou-se autônomo no ano de 2000, tem como missão a defesa e a vivência dos direitos humanos econômicos, sociais, culturais e ambientais, e como meta a construção de uma sociedade equânime, saudável, solidária e democrática.

O IBISS|CO reúne dois grandes programas que pautam suas ações na defesa, promoção e vivência dos direitos humanos de crianças, jovens e adolescentes, a Casa da Juventude; e de adultos em situação de vulnerabilidade, Direito de Ter Direitos. O objetivo principal desses programas é promover o exercício da cidadania de seus destinatários, propiciando empoderamento das políticas públicas e visibilidade municipal, estadual e nacional para a violação de seus direitos.

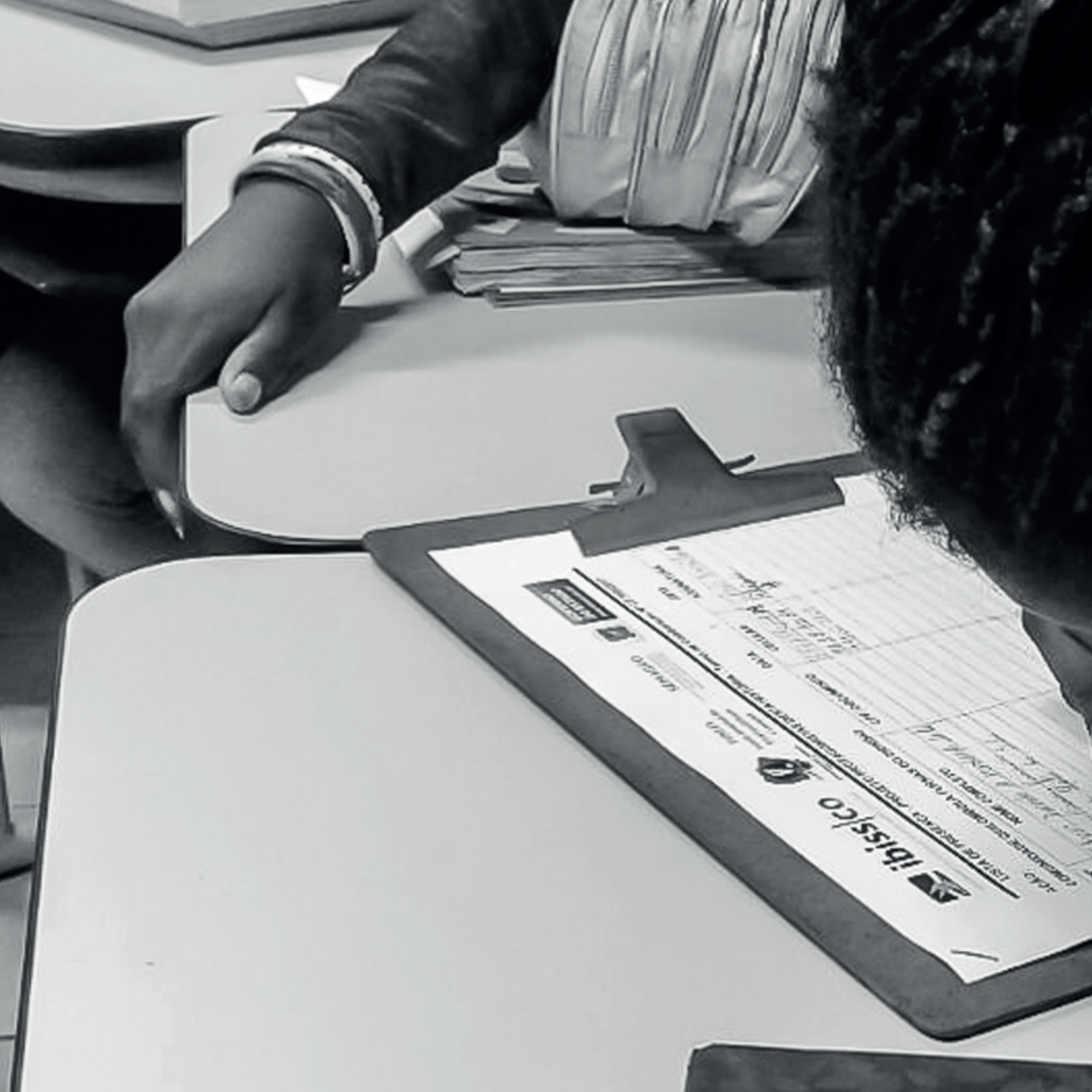
Dentre os diversificados serviços que a instituição oferece estão: Construção de metodologias e ferramentas sociais inovadoras, com sensibilização, capacitação e mobilização social, envolvendo prioritariamente lideranças e organizações de base; Assessoria a gestores públicos e organizações não-governamentais nas temáticas que dispõem conhecimentos; Articulação de diferentes ações, políticas e

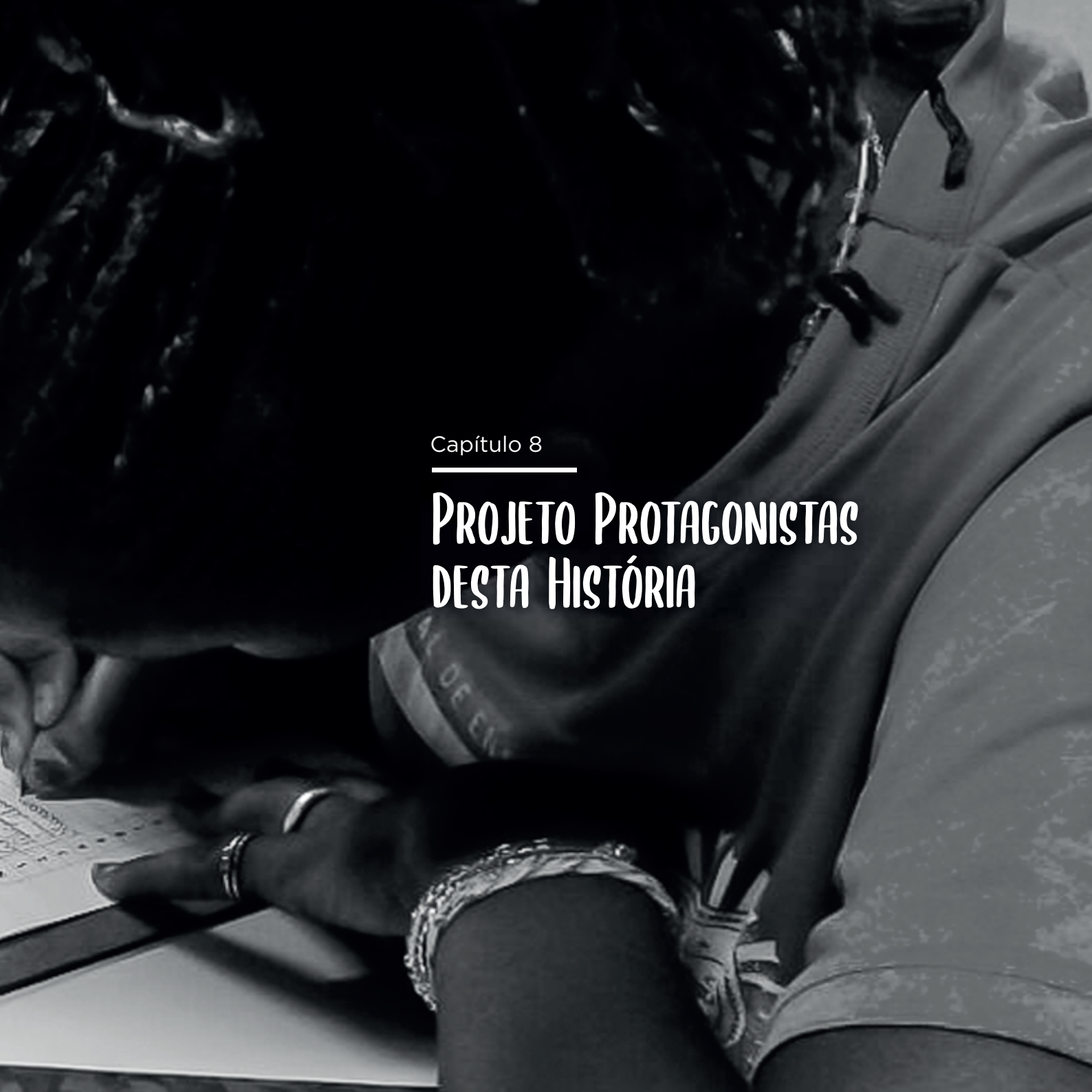
atores sociais com vistas ao empoderamento coletivo, potencializando a conquista e a vivência dos direitos humanos e a incidência de políticas públicas; Pesquisa, monitoramento e avaliação do impacto de grandes projetos de desenvolvimento e políticas públicas; Extensão universitária, contribuindo para a formação de estudantes, por meio de estágio e apoio à pesquisa; Produção, valorização e compartilhamento do conhecimento por meio de publicações, mesas de conversação, capacitação e debates; Atendimento a pessoas e grupos que foram vítimas de desrespeito aos Direitos Humanos.

Para conhecer nossas ações e saber mais a respeito do IBISS|CO acesse nossas redes sociais através do site www.ibiss-co.org.br.









Capítulo 8

PROJETO PROTAGONISTAS DESTA HISTÓRIA

PROJETO PROTAGONISTAS DESTA HISTÓRIA

Projetos

O projeto “Protagonistas Desta História” é uma proposta que teve como foco central a valorização da cultura negra, promoveu a diversidade cultural através da difusão da cultura afro-sul-mato-grossense expressa na comunidade Quilombola Furnas do Dionísio. Através do registro das manifestações tradicionais da dança, música e culinária quilombola, buscou proteger os saberes e expressões culturais da comunidade, reconhecendo e valorizando a diversidade cultural, étnica e regional brasileira. O projeto foi desenvolvido com 29 meninas e meninos quilombolas do 8º e 9º ano da Escola Estadual Zumbi dos Palmares e realizou entrevistas com 9 pessoas referência na comunidade a respeito da história de Furnas do Dionísio.

O IBISS|CO teve apoio da Secretaria de Estado de Meio Ambiente, Desenvolvimento Econômico, Produção e Agricultura Familiar (SEMAGRO) e do Fundo Estadual de Direitos Difusos e Lesados (FUNLES) para a realização do projeto. Parcerias com o Coletivo de Mulheres Negras de MS - Raimunda Luzia de Brito (CMNEGRASMS) e com a Escola Estadual Zumbi dos Palmares.

Durante o projeto o IBISS|CO realizou as seguintes ações na comunidade quilombola Furnas do Dionísio:







8 OFICINAS DE AMARRAÇÃO DE TURBANTES





9 OFICINAS DE HISTÓRIA DA COMUNIDADE





9 VISITAS DOMICILIARES DE LEVANTAMENTO SÓCIO-HISTÓRICO

Todas essas ações contribuíram para a construção do presente “Caderno Cultural Virtual” da Comunidade Quilombola Furnas do Dionísio, produto final do projeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



Para construção desse Caderno além dos links abaixo descritos, foi de fundamental importância as entrevistas realizadas na ação Visitas Domiciliares para coleta de memórias e histórias da comunidade, além de utilizarmos como referências textos elencados no “Para saber mais sobre Furnas do Dionísio”.

Queremos registrar aqui nosso agradecimento a professora Clemilda Martins Serafim de Souza por compartilhar informações, fotos antigas e memórias coletadas em pesquisas próprias com a equipe que construiu este Caderno. Agradecer também a Dona Maria Batista da Silva por nos ceder fotos antigas históricas da comunidade. Agradecer a Maria Aparecida Martins, Cida, por nos ciceronear pela comunidade e parceria nas ações. E por fim agradecer a toda a comunidade pela acolhida e auxílio.

<http://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/?conflito=ms-comunidade-quilombola-furnas-do-dionisio-lutam-pela-desintrusao-de-seu-territorio-ainda-invadido-por-fazendeiros>. Acesso em março de 2019.

<http://iiabcg.org.br/furnas/> Acesso em março de 2019.

<https://www.campograndenews.com.br/lado-b/faz-bem/morro-cachoeira-e-comida-no-tacho-sao-convite-para-trilha-a-40km->

daqui Acesso em março de 2019.

<http://baobadocerrado.blogspot.com/2017/10/rogai-por-nos-quilombolas-festa-de.html> Acesso em março de 2019.

<http://www.palmares.gov.br/?p=3486> Acesso em maio de 2019.

SANTOS, A. C. dos. Bolo de Goma. 2011. Disponível em <<https://gshow.globo.com/receitas-gshow/receitas/bolo-de-goma-4d515fec52e0b252bc00fa4f.ghtml>>. Acessado em 01 de abril de 2019.

<http://baobadocerrado.blogspot.com/> Acesso em 12 de junho de 2019.

QUILOMBO
DO CERRADO
memórias





Projeto:



Parceria:



Coletivo de Mulheres Negras - CAMEGAS/MS
AUMENTA LUTA DE BOM

QUILOMBO DO CERRADO

memórias

CADERNO CULTURAL DE
FURNAS DO DIONÍSIO

Apoio Financeiro:

Fundo Estadual de Direitos
Difusos e Lesados – FUNLES

SEMAGRO
Secretaria de Estado de Mato Grosso do Sul,
Desenvolvimento e Sustentabilidade,
Produção e Agricultura Familiar



**GOVERNO
DO ESTADO**
Mato Grosso do Sul

Realização:



Instituto Brasileiro de Inovações pro-Sociedade Saudável | Centro-Oeste